

Por uma linguagem sociológica escolar do cotidiano: reflexões teórico-práticas-afetivas de uma professora em início de carreira

Juliana Gonçalves Tolentino*

RESUMO

Este Trabalho de Formação Docente tem como objetivo descrever as práticas e reflexões construídas ao longo da minha trajetória no Programa de Residência Docente da Universidade Federal de Juiz de Fora. Para isso, conjugo memórias pré-profissionais com as experiências desenvolvidas ao longo da minha atuação como professora residente de Sociologia no Colégio de Aplicação João XXIII. A partir do método cartográfico, busquei evidenciar como questões das nossas biografias podem se articular como uma fonte potente para a construção de uma educação dialógica e aberta às questões do cotidiano que atravessam a escola. Por fim, apresento como a Sociologia e a Residência Docente são caminhos de formação tanto para a carreira docente como no sentido de uma educação para a vida.

Palavras-chave: Educação Básica. Ensino de Sociologia. Memórias. Residência Docente. Saberes do Cotidiano.

Submetido em 16/08/21. Aprovado pela banca examinadora em 26/08/21.

Trabalho de Formação Docente apresentado ao Programa da Residência Docente da Universidade Federal de Juiz de Fora como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Especialista em Residência Docente. Orientador: Prof. Me. Júlio César de Paula e Silva (Colégio de Aplicação João XXIII/UFJF).

* Bacharela e Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Residência Docente pela Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: jugtolentino@gmail.com.



FOLHA DE APROVAÇÃO

JULIANA GONÇALVES TOLENTINO

**POR UMA LINGUAGEM SOCIOLÓGICA ESCOLAR DO COTIDIANO:
REFLEXÕES TEÓRICO-PRÁTICAS-AFETIVAS DE UMA PROFESSORA EM
INÍCIO DE CARREIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa Residência Docente da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à conclusão do curso de especialização *latu senso* em Residência Docente.

Aprovada em 26 de agosto de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Me. Júlio César de Paula e Silva – Orientador(a)
(Col. Aplicação João XXIII/UFJF)

Me. Sheila Cristina Gonçalves
(SEE/MG)

Ms. Giselle Moraes Moreira
(Col. Aplicação João XXIII/UFJF)

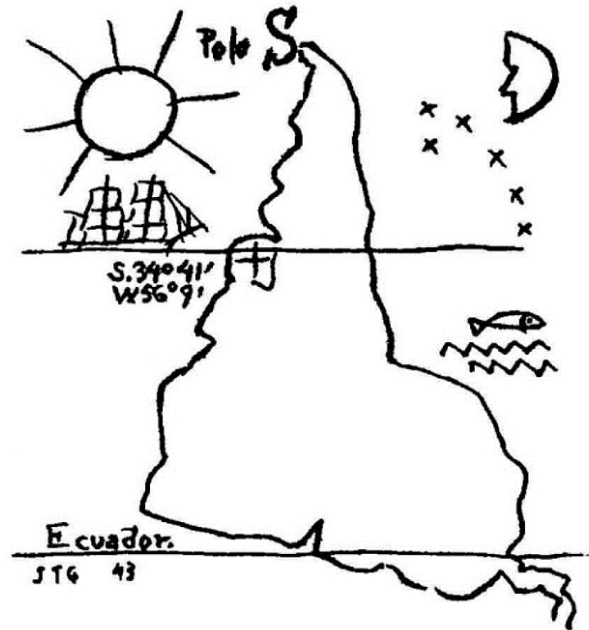
Dra. Rafaela Reis Azevedo de Oliveira
(FACED/UFJF)

***O discente e os membros da banca deram a anuência para que o(a) Presidente da Banca assinasse por elas.**

CENA I: O CONVITE (BILHETE DE EMBARQUE)

Começo a escrita desse trabalho de formação docente a partir de uma viagem no tempo. Convido você, pessoa leitora, a embarcar nessa viagem comigo. Utilizo dessa metáfora com uma intenção bem definida. Penso que a vida em si é uma grande viagem, seja uma viagem física, seja uma viagem mental. Às vezes com rotas bem definidas, às vezes com abertura para o inesperado. Para falar a verdade, a surpresa não se anuncia. E mesmo a rigidez proposta para um espaço-tempo pode ser surpreendida com fissuras na rota. Gostaria de propor uma escrita como se fosse uma conversa, um diálogo. Afinal de contas, o diálogo foi um dos fios-condutores de todo esse percurso. Veja bem: o diálogo também é feito de pausas, de silêncios. De momentos de recolhidas para si, num processo de reflexões que visto de cima, parece solitário, mas nunca é. Não estou falando do silêncio forçado, imposto goela abaixo. Esse, sabemos que deve ser evitado. E hoje, posso afirmar que a Sociologia nos dá ferramentas para tal empreitada: romper com os silenciamentos que oprimem. Por isso (também) a nossa disciplina é tão atacada, tão indesejada por certos setores da nossa sociedade. Mas nesse momento inicial, estou falando do silêncio essencial para a compreensão de nossas experiências, num exercício de identificar aquilo que de fato nos atravessa para a construção de um saber localizado. Ou nas palavras de Jorge Larrosa Bondía (2002):

Figura 1 — “América Invertida” (1943), do artista uruguaio Joaquín Torres García.



Fonte: <https://www.brasildefato.com.br/2020/10/07/artigo-existem-outras-formas-de-representar-o-mundo>

Ao sujeito do estímulo, da vivência pontual, tudo o atravessa, tudo o excita, tudo o agita, tudo o choca, mas nada lhe acontece. Por isso, a

velocidade e o que ela provoca, a falta de silêncio e de memória, são também inimigas mortais da experiência (BONDÍA, 2002, p. 23).

Não é tão óbvio ou tão fácil assim lançar luz na experiência que nos atravessa. Na maioria das vezes, a nossa estrutura institucional não nos permite. A velocidade demandada pela atualidade, não nos permite. É necessário pausa e silêncio para entender o que nos passa. É necessário fazer diversas viagens à memória. Em cada uma dessas viagens, um fato desabrocha. Uma ponte é feita. Um aprendizado é construído.

Por isso, essa escrita é composta por memórias. Memórias do meu tempo de escola; memórias da minha graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais; memórias do meu estágio na Escola Estadual Ursulina de Andrade Melo durante a licenciatura; memórias da minha trajetória no Programa de Residência Docente da Universidade Federal de Juiz de Fora. Eram para elas que me retornava, quando me encontrava perdida, sem saída. Foram elas que me redirecionaram, quando achava que estava completamente sem sul¹ para a construção desse trabalho. Aqui cabe um alerta: a linearidade do tempo não será o forte dessa narrativa. Essas memórias surgem a partir de sentimentos que vão emergindo, que vão nos atravessando e vão dando sentido no que estamos vivendo no momento. A linearidade parece dar conta de muita coisa, confesso. Arrisco até em afirmar que pode ser o caminho mais fácil - pelo menos eu achava que sim. Mas parando para refletir todo o meu processo para chegar até o momento dessa escrita, não faria coerência nenhuma, com tal oportunidade em mãos, não me aventurar em curvas. Mesmo porque a nossa memória não nos aparece em linha reta. Lembrei disso esses dias, em que entrei em conflito interno porque não conseguia narrar fielmente (e linearmente) os fatos que me aconteceram. Sentia que estava traindo a minha própria memória e as pessoas com quem dialogo. Levei um puxão de orelha de Soninha², professora de uma das disciplinas da Residência que tanto nos fez viajar pelas

¹Utilizo a expressão “sul” como referência ao encontro de uma localização em substituição da expressão “norte” ou “nortear”. Abro essa cena com a obra artística “América Invertida” (1943), do artista uruguaio Joaquin Torres García, que representa uma crítica à visão hegemônica que temos sobre a representação geopolítica norte – sul, hipervalorizando tudo o que vem do norte, e inferiorizando nossa própria região, com nossa diversidade de povos, cultural, artística, epistemológica e por aí vai... Qual é de fato a nossa posição em relação ao mundo?

² Professora Doutora Sônia Miranda, da Faculdade de Educação da UFJF. Neste texto, referencio a ela ora como Soninha, ora como Sônia Miranda. Deixo registrado a importância que teve na minha história, incentivando e guiando minhas viagens (e da minha turma da Residência) pelas nossas memórias.

memórias: não existe isso de memória linear! Ela vai e vem! Você está no caminho certo. A viagem (a memória, a vida) vai tomando seus próprios contornos mesmo que eu tente forçar uma rigidez e um controle de tudo isso!

“A pesquisa nos aparece muitas vezes como um acerto de conta com o passado” disse uma amiga da professora e historiadora Fabiana Almeida, como ela relata em sua dissertação de mestrado (2012). E o tema dessa narrativa tem a ver com uma questão, que eu havia dito em momentos anteriores na Residência, que me ronda desde a licenciatura. Hoje, eu percebo que ela me ronda desde muito antes. A questão, definida durante a minha licenciatura, é: “qual a percepção que estudantes possuem sobre o ensino de Sociologia?”. Isso me intriga porque é no ensino médio que a maioria delas/deles tem contato pela primeira vez com a Sociologia enquanto disciplina escolar. Além do que, a Sociologia não tem uma legitimidade temporal como as demais disciplinas. A nossa legitimidade até hoje é uma luta, uma disputa educacional e política (assim como outras disciplinas, como artes e filosofia). Com a implementação da nova Base Nacional Comum Curricular, homologada em dezembro de 2018 e da Reforma do Ensino Médio (Lei nº 13.415/2017) então, nem se fala! Voltarei nesses pontos mais à frente. Por falta dessa tradição escolar, e por adentrar em um mundo novo (ou podemos dizer dois, por se tratar também do ensino médio, uma outra etapa da trajetória escolar?), as questões que emergiram nessa viagem foram: o que esses estudantes entendem por Sociologia? Será que estamos conseguindo estabelecer uma conexão entre as questões individuais e as questões coletivas? Estamos individualizando demais ou abstraindo demais? Como está sendo a vivência das/dos estudantes nesse processo? Será que elas e eles mobilizam os saberes sociológicos para entender o seu contexto? Como? Quais sentidos estamos construindo nos momentos síncronos de Sociologia no Ensino Remoto Emergencial (E.R.E.)? E para aquelas/es, em que o seu primeiro contato com a disciplina se deu praticamente de modo online?

São perguntas complexas, eu sei. Não será esse trabalho que vai dar conta de toda essa complexidade. As possíveis respostas não serão dadas de forma “tradicional” ou de maneira solidificada/convencional como estamos acostumados a encontrar em trabalhos acadêmicos. Elas aparecerão a você que me lê nas próximas cenas, em que apresento personagens, cenários, estudantes, colegas de trabalho, trocas, reflexões e vivências. E por conta da extensão dessa viagem, decidi realizar

um recorte através de uma sequência didática específica e de algumas vivências com estudantes ao longo dessa caminhada no Colégio de Aplicação João XXIII (CAp. João XXIII).

O método utilizado foi a abordagem cartográfica. O primeiro contato que tive com essa abordagem foi nas aulas da licenciatura, a partir de um texto de Luciano Bedin da Costa (2014). A cartografia é um método de pesquisa baseado no conceito de rizoma, dos filósofos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995). O rizoma nos ajuda a criar um tipo de racionalidade que não tem a ver apenas com causa e efeito. Ele é um mapa que expande nossa forma de fazer e pensar a pesquisa e a produção de conhecimento e de subjetividades. O pensamento precisa estar aberto às possibilidades que o processo da pesquisa traz. A cartografia então tem a ver com uma forma de pesquisar que se preocupa e foca mais no processo do que nos objetivos da pesquisa em si. Ela nos faz perseguir situações problemas, e não dados. Para esses autores, propor uma pesquisa e uma escrita como rizoma, é pensar nas conexões, nas ramificações que são múltiplas e infinitas, que sempre se remetem uma à outra. Não existe um ponto fixo ou central, uma única crença enraizada que enrijece a percepção da pesquisadora. Um rizoma não é feito de começo e nem de fim, mas somente de meio. E há uma inversão da construção linear de uma pesquisa: ao invés de ir a campo coletar dados que selecionei previamente e com uma metodologia que também selecionei previamente, é o próprio campo que vai me mostrar qual é o problema e qual o método que vou utilizar para refletir acerca do problema.

Aliás, ação e reflexão existem mutuamente, porque a cartografia é mais do que um método, mas uma atitude de pesquisa, “mais do que uma metodologia científica, a cartografia aqui é entendida enquanto uma prática ou pragmática de pesquisa” (COSTA, 2014, p. 67). A [professora-pesquisadora] cartógrafa tem que se deixar atravessar por tudo que a cerca, e se preocupa com o antes, o durante e o depois de uma pesquisa, e não apenas em apresentar soluções. A cartografia nos permite lançar luz no processo: o que eu estou vendo, o que estou fazendo, como eu estou percebendo, refletindo e compondo com os encontros gerados. Portanto, essa viagem-trabalho nasce a partir da força dos encontros gerados no meu percurso:

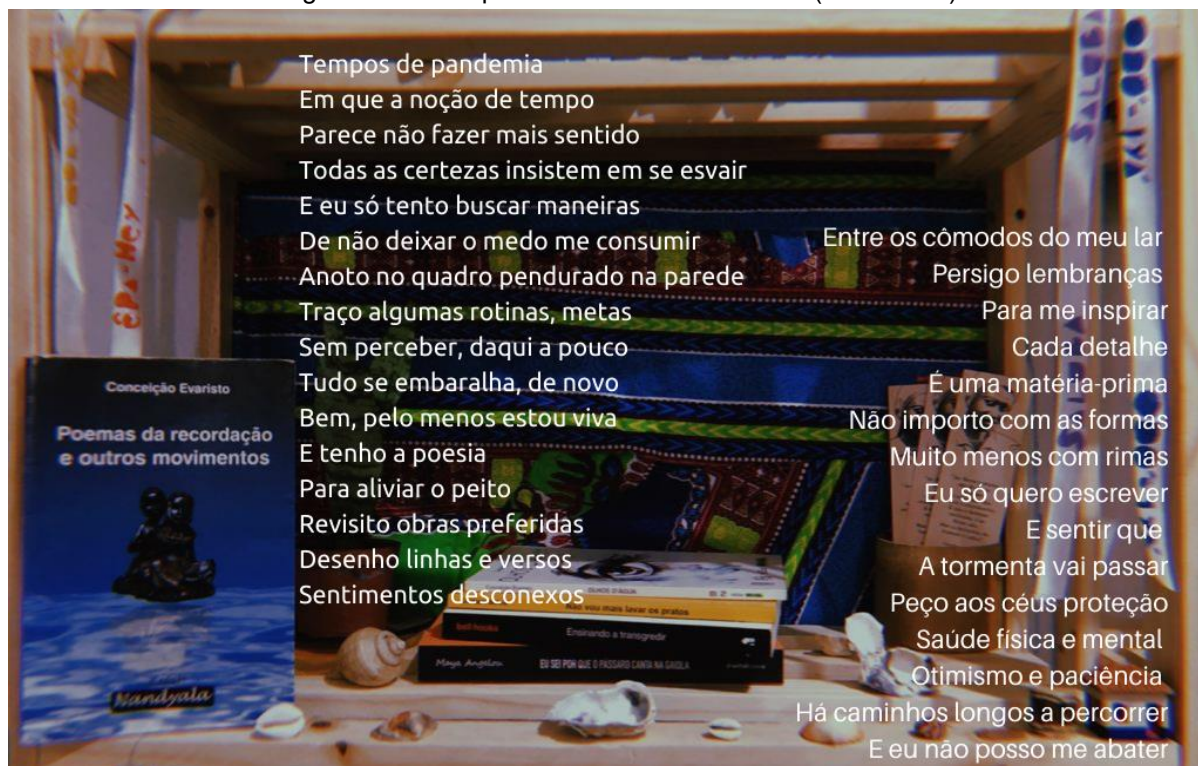
Antes de se perguntar se determinada coisa é ou não importante [para a pesquisa], o cartógrafo procurará pensar se houve ou não encontro com esta coisa (COSTA, 2014, p. 73).

Como Johnny Alvarez e Eduardo Passos (2009) relatam, o método da cartografia tem semelhanças com a tradição dos métodos de pesquisa, principalmente os qualitativos, que investem nas práticas de inclusão e de participação de sujeitos que são colocados como objetos/participantes da pesquisa. É um saber construído com (e não um saber sobre) a escola, estudantes e todas as pessoas e lugares que compõem a minha experiência. São territórios existenciais, subjetivos, afetivos, sociais, históricos, éticos, artísticos, políticos, que cultivamos a partir do momento em que nos colocamos lado a lado com as pessoas ao nosso redor, implicados em nossos campos de atuação. E é preciso enxergar para além do que já se sabe, do já se espera, do que já está fixo e estabelecido.

Esse trabalho, então, se trata de um relato de experiência, ou relato de viagem. Ele está separado em cenas, porque me passa uma ideia de rampa, de fluidez. Como a água, que sempre passa, não importa quantas e quais barreiras precisa contornar. As cenas, ao invés de capítulos ou tópicos, me dão uma sensação de movimento, uma vivacidade que acontece a partir do próprio tempo das coisas. Digamos que essa será a bússola. Mas, como toda boa viagem, o caminho estará repleto de intercursos, que enriquecem a experiência. Como diz Julio Nlongi (2020) “um passo ao lado também é caminho”. Acrescentaria que passos atrás também são caminhos. Em algum momento (também não linear) tais referências farão sentido.

CENA II: O EMBARQUE

Figura 2 — Foto-poema de Juliana Tolentino (2020/2021)



Fonte: Elaboração própria.

Não tem como tratar sobre essas questões sem abordar o contexto atual de pandemia da covid-19 e como ela atravessou o meu percurso. Os seus impactos afetam a todas as pessoas - de maneira muito desigual. Como diz meu orientador Júlio Silva:

“Para uma parcela da população, a falta de escolha levou a uma situação de proteção. Para outra parcela, a falta de escolha levou a uma situação de desproteção. Tá tudo igual, mas tá tudo desigual”³.

Quando recebi a notícia da aprovação no Programa de Residência Docente da UFJF, um farol acenou no caminho. Estava na fase de tentativas sem sucesso no processo de designação da Secretária de Educação do Estado de Minas Gerais, em que digladiamos por uma vaga num sistema precário e de desvalorização de docentes

³Trecho do Material Didático: “Sociologia, Senso Comum e Socialização”, produzido e disponibilizado para as turmas de 1º ano do Ensino Médio Regular do Colégio de Aplicação João XXIII do ano letivo 2021. Para sua versão em formato podcast, acesse: <https://spoti.fi/3ijmX0z>.

da educação pública. Além disso, eu havia sido reprovada em um outro processo seletivo. Os meus olhos, cheios de lágrimas de alegria, já vislumbravam o novo ciclo que se iniciava: uma outra cidade, um colégio renomado, um horizonte de ampliação de conhecimentos e de práticas. Eles já vinham se acumulando no meu trajeto formativo, mas eu ainda me sentia tão verde, tão despreparada... a Residência parecia o destino perfeito naquele momento.

A ideia de trilhar um caminho na educação básica tomou corpo, principalmente, pelas experiências que tive no ensino médio da Escola Estadual Ursulina de Andrade Melo. A escola Ursulina é situada em um bairro de periferia da minha cidade natal, Belo Horizonte. O acolhimento das turmas, da professora supervisora e demais profissionais da escola me deixava bastante animada. Muitas risadas e algumas broncas rolaram ali. Tivemos encontros incríveis, como a visita e cine-debate com um professor senegalês sobre conexões entre Brasil e África; feira de educação ambiental; festinha na semana que antecede o dia das crianças; a colação de grau do terceiro... Eu aprendi bastante com o tempo que estive ali como estagiária de Sociologia.

As trocas e aprendizados com as turmas de licenciatura, em especial nas disciplinas de Análise Prática de Ensino Estágio Ciências Sociais I e II, também foram primordiais⁴. Aqui era um *boom* de reflexões-inquietações: o famoso conflito aula expositiva x aula dinâmica; o que e qual modo a gente trabalha na aula de Sociologia; quais são os nossos principais conceitos, temas, métodos; como demonstrar que por mais que haja um exercício de abstração dos conceitos, eles também podem ser acionados em nossas experiências; como demonstrar que a Sociologia não é apenas “assuntos da atualidade”; como afirmar o caráter de seriedade da disciplina; como vivenciar um sentido mais fluido, mais aberto com outras dinâmicas educacionais para além da rigidez disciplinar, e por aí vai...

Lembro bem como mal dormia nas noites anteriores às aulas que eu conduziria na escola. Apesar de todo o preparo, o medo de não dar conta era latente. Ouso dizer que a maioria dos professores devem sentir a mesma sensação em algum momento

⁴Agradeço as/os estudantes do Ensino Médio Regular, a professora de Sociologia e demais integrantes da E. E. Ursulina de Andrade Melo; as/os colegas e a professora da disciplina de Análise Prática de Ensino Estágio Ciências Sociais I e II da UFMG e demais pessoas que enriqueceram a minha formação enquanto professora da educação básica no ano de 2019. Em especial, agradeço Lucca Gomes (em memória) pelas partilhas de educação, de militância, de vida, registradas eternamente nas minhas lembranças.

de suas trajetórias. Na própria Residência conversamos bastante sobre esse sentimento. Então você que me lê deve imaginar a minha alegria em iniciar a minha carreira docente com um suporte teórico, prático e remunerado que a Residência proporciona. Com os espaços de trocas de experiências entre os pares que criamos, que Giovana Callian e Tânia Magalhães (2019) chamam de “redes e comunidades colaborativas”. Com uma política redimensiona profissionalmente a docência nos ajudando a firmar nossa posição enquanto professora-pesquisadora, como nos fala António Nóvoa (2017).

Dito isso, vou contar para você, em algumas linhas, o que é o Programa de Residência Docente⁵: é uma política institucional que tem como objetivo aprimorar a atuação de profissionais docentes da Educação Básica em começo de carreira. Como um programa de formação continuada, aprendemos na prática que a nossa atuação é um processo contínuo de aprendizado. No ano de 2019 foi inaugurada a primeira turma e em 2020, a Residência deu início à segunda turma, a qual fiz parte. E quem somos? Bem, uma turma de oito professoras-amigas-residentes: Camila, da Dança; Gustavo, das Ciências Biológicas; Ana Clara, da Educação Física; Hérika, da Geografia; Maria Beatriz, da Letras - Língua Portuguesa; Cristimara, da Matemática; Solimar, da Pedagogia do 1º ao 5º ano; Anna Luisa, da Pedagogia Educação Inclusiva, e eu, Juliana, da Sociologia.

Tivemos a oportunidade de lecionar em regime de co-docência no Colégio de Aplicação João XXIII. No meu caso, no Ensino Médio Regular e no Ensino Médio da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Fizemos um curso pós-graduação *lato sensu* em Residência Docente, com seis disciplinas: Direitos Humanos, Diversidade e Ética; Educação Especial na Perspectiva da Inclusão; Pesquisa e Saberes na/da Prática Docente; Seminários da Educação Básica e Contemporânea; Tecnologias no Processo de Ensino-Aprendizagem; Orientação de Trabalho Final (Trabalho de Formação Docente/ TFD). Também participamos de Grupos e Núcleos de Pesquisa, Ensino e Extensão. Passei a integrar o Grupo de Pesquisa, Extensão e Ensino de Sociologia (GRUPEES) e do Laboratório de Ensino de Ciências Sociais (LABECS), vinculados à Faculdade de Educação (FACED) da UFJF. Isso tudo, de modo virtual.

⁵ A turma dois da Residência é formada por oito professoras e um professor. Por questões políticas, optei em utilizar a linguagem feminina, em diferentes momentos dessa escrita, mas sem desconsiderar os demais gêneros. Para conhecer mais sobre a Residência Docente/ UFJF, acesse: <https://www.instagram.com/rdocente.ufjf/>; <https://bitly.com/zkuS1>.

Mais pra frente conto alguns detalhes desse mergulho. Agora deixa eu voltar no começo.

Pois bem. Eis que chegou o dia da nossa primeira reunião. Eu continuava boquiaberta e sem acreditar nessa realização. Nos encontramos na manhã do dia 16 de março de 2020 no anfiteatro do prédio do Ensino Médio do CAp. João XXIII. Gustavo ainda não estava entre a gente, vindo compor o grupo já no contexto remoto. A recepção foi muito calorosa, com a turma um da Residência, docentes orientadoras/es, coordenadoras e outros membros do Colégio. Lembro da professora Giselle Moraes me parabenizando pela aprovação e do professor Júlio Silva com sua filhinha Aurora. Ganhamos alguns livros de temáticas diversas da educação e uma agenda. Passeamos pelo João⁶, guiadas pelas professoras da turma um. Foi uma surpresa saber que mais duas belorizontinas também haviam passado. A Camila Silva, professora de dança, e a Solimar Assis, pedagoga professora do fundamental anos iniciais. Não nos conhecíamos. Hoje, somos amigas. Aqui, posso contar um dos primeiros laços de solidariedade dos muitos que estavam por construir na turma dois: Solimar, que já estava se estabilizando na cidade, me ofereceu abrigo no seu apartamento e um almoço, após o término dessa reunião. Pode parecer algo simples, mas me marcou profundamente.

No final desse dia, o primeiro grande impacto da pandemia em nosso trabalho: por conta do isolamento social, obrigatório e necessário, as aulas presenciais no CAp. João XXIII estariam suspensas por tempo indeterminado. A gente sequer sabia se a Residência continuaria⁷. Passei uma semana na casa de uma grande amiga, a Gilmara Mariosa, até decidir que o melhor seria voltar para Belo Horizonte enquanto a viagem ainda era permitida. Desde então, até o término desse trabalho, vivenciamos a Residência Docente em contexto de Ensino Remoto Emergencial (E.R.E.).

Imagine só o tamanho da minha frustração. Logo agora, que eu teria minha primeira imersão no chão da escola como professora formada, vem o corona vírus

⁶ O Colégio de Aplicação João XXIII ou o “João” foi fundado em 1965. Sediado na cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais, ele se configura como uma Unidade Acadêmica da UFJF, sendo um colégio público e federal, com forma de ingresso através de sorteio. Para mais informações, acesse: www.ufjf.br/joaouxiii.

⁷De 16 de março a 06 de maio de 2020, a coordenação da Residência Docente sugeriu a construção de um plano de trabalho remoto, que foi sendo elaborado e realizado entre as professoras residentes e professores orientadores. Em 07 de maio de 2020, a Secretaria da Pró-Reitoria de Graduação da UFJF emite o ofício SEI No 149/2020, declarando a suspensão do Programa, até então sem previsão de retorno. Em setembro de 2020, retornamos todas as nossas atividades em contexto de Ensino Remoto Emergencial (E.R.E.).

para acabar com tudo. Ensino Remoto Emergencial, trabalho online, por tempo indeterminado. Que balde de água fria! Quer dizer, que balde de água gelada! Mais questões vinham à minha na cabeça: Quais relações seriam capazes de serem estabelecidas dessa forma? Como eu iria extrair o máximo de aprendizados com minhas professoras orientadoras? Como eu iria aprender com as/os estudantes? Antes disso, como a gente iria se conhecer, construir juntos um vínculo de proximidade, de confiança? E as zoeiras, as risadas, os conflitos e a busca de soluções? E a vivência no espaço físico, a sala de aula, o pátio, a sala de professores, o intervalo? Como eu iria reconhecer pelo olhar, pela fala ou pelo silêncio, se um conteúdo foi compreendido, gerou dúvidas, conforto ou desconforto? Como eu iria me reconhecer, num processo de aprendizados mútuos, no ato de me firmar enquanto docente (António Nóvoa, 2017)? Como eu, uma professora recém-formada que se sentia tão crua e tão insegura em sua prática, iria me fortalecer, no ato de pessoas que se educam mediadas pelo mundo, como Paulo Freire (1987) me inspirou?

Você já deve ter reparado que essa narrativa terá muitas, muitas perguntas. Busco meios de esboçar algumas respostas, mas nenhuma que se pretende absoluta — diga-se de passagem. Todas essas experiências ainda vão ressoar por um bom tempo na minha vivência, então tudo que eu trago aqui é uma porta de entrada. Muitas e muitas reflexões ainda estão por vir. Farei uma opção por uma rota, não por ser a melhor ou a mais importante, mas por questão de delimitação de caminhos para a escrita desse trabalho. Opto por lançar luz nas potências dos encontros gerados na Residência mesmo numa situação tão atípica, o que não quer dizer que seja o mesmo que negar os desafios. E quem sabe, essas potências podem nos dar pistas para solucionar tais desafios, ampliar nossos horizontes para a construção de respostas e perguntas coletivas e dialógicas.

Nesse contexto de E.R.E., após um intenso trabalho de reuniões, capacitações, discussões e análises contínuas, o CAp. João XXIII adotou algumas medidas para a continuação do ano letivo: no Ensino Médio Regular, para o ano letivo de 2020, foi escolhida a Plataforma Moodle com postagem de materiais didáticos quinzenalmente, além de momentos síncronos semanais. Os estudantes podiam optar quais momentos acessar, mas com a obrigatoriedade de presença mínima de dez aulas por semana, no caso das turmas de primeiro e segundo ano e quinze aulas por semana, no caso das turmas de terceiro ano. A diferença de aulas entre as turmas de primeiro e

segundo e a de terceiro se deu por conta das avaliações do PISM (Programa de Ingresso Seletivo Misto da UFJF) e do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) que seriam feitas pelas turmas de terceiro. Assim, foi votado em congregação⁸ um calendário mais curto com a intenção de criar melhores oportunidades de ensino para os mesmos.

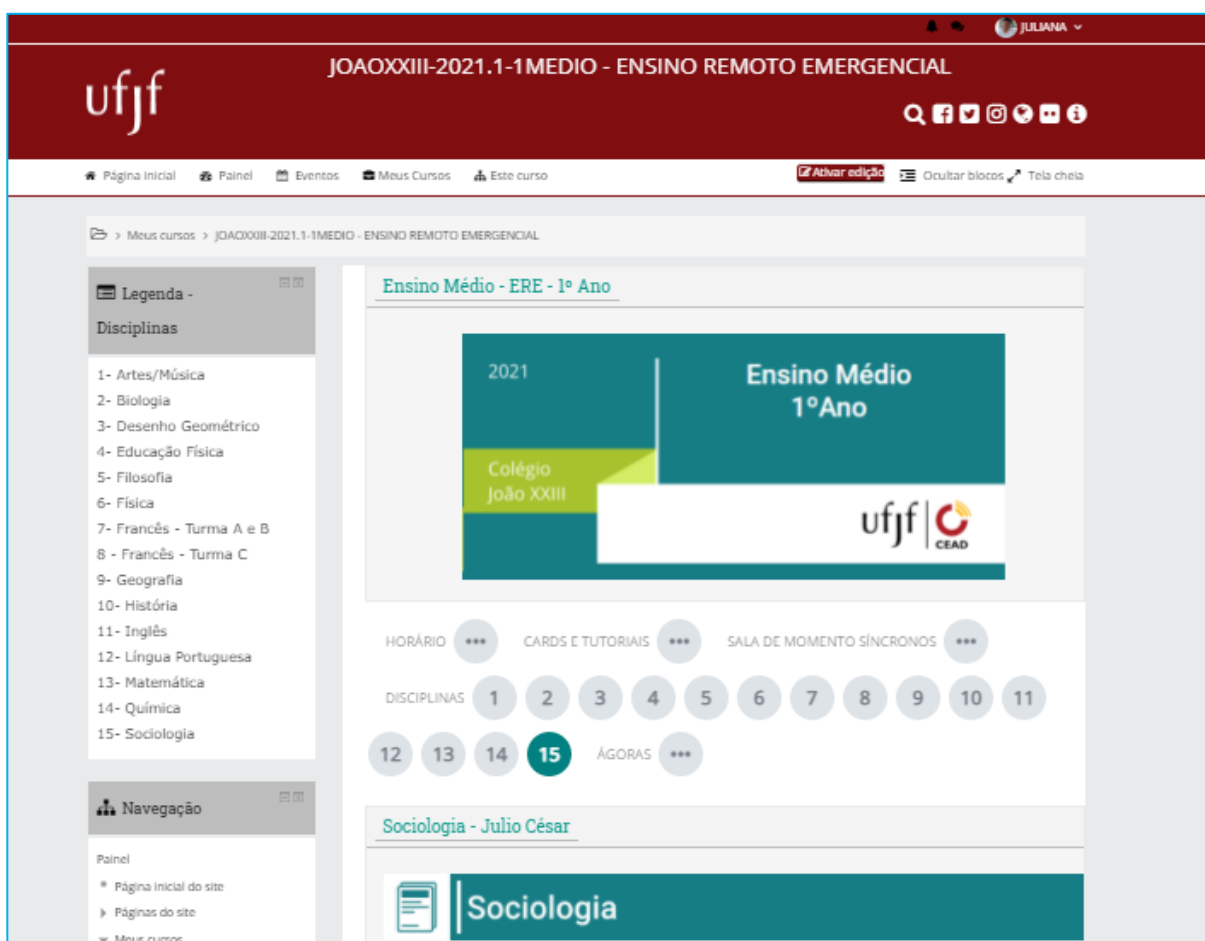
Os momentos síncronos de Sociologia no E.M. regular acontecem uma vez na semana, com duração de 45 minutos. Também foi disponibilizado um momento em um contraturno — isso resultou de uma proposta acordada pelo segmento para que as/os estudantes possam ter mais flexibilidade e planejar o melhor horário para assistir as aulas. Tais decisões do segmento foram baseadas em uma pesquisa interna que sinalizou um percentual significativo de estudantes trabalhando, colaborando nos afazeres domésticos, dividindo espaços e computador/celular com irmãos, estudantes sem acesso digital, dentre outras demandas advindas no contexto de pandemia ou que já existiam anteriormente. Ao permitir que estudantes escolhessem aquelas aulas em que apresentam mais dificuldades, a escola se permitiu olhar para as adversidades e garantir tempo para que editais de inclusão digital e outras ações fossem empreendidas para o momento posterior.

Para o ano letivo de 2021, foi votado no segmento a postagem de materiais didáticos mensais, porém mais estendidos, e com a obrigatoriedade de presença mínima nos momentos síncronos de todas as disciplinas. Em ambos os casos, vimos que nem todas/os as/os estudantes compareciam nos momentos e/ou faziam as atividades. Algumas vezes, poucos e/ou os mesmos participavam nos chats. Em outras, havia uma empolgação, a depender do assunto e da dinâmica de condução da discussão.

Já no Ensino Médio da Educação de Jovens e Adultos (EJA), a dinâmica era um pouco diferente. Também utilizamos a plataforma *moodle*, com postagens de materiais quinzenais e os momentos síncronos optativos. Além disso, houve a opção de disponibilizar material impresso, atendendo as especificidades do público. às especificidades do público. Na EJA, segmento em que trabalhei por três semestres, tive ainda menos contato com estudantes, sendo a maior parte desses contatos realizados de forma assíncrona, a partir dos exercícios que elas/eles retornavam.

⁸ A congregação é um espaço de reunião em que docentes do CAp. João XXIII discutem e deliberam pautas e demandas do Colégio.

Figura 3 — Parte inicial do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) do 1º ano do Ensino Médio Regular 2021. Moodle da UFJF.



Fonte: Print tirado pela autora.

Outro ponto que merece destaque: o Colégio promoveu diversas medidas assistenciais para colaborar com estudantes nesse contexto adverso, como empréstimo de tablets, auxílio financeiro para custeio de internet e distribuição de cestas básicas. Algumas dessas ações resultaram de medidas internas. Já outras foram articuladas com a administração superior da UFJF. Com isso foi possível garantir diversos editais de inclusão digital, empréstimos de computadores e várias outras ações que criaram meios para mitigar as adversidades e desigualdades socioeconômicas que ficaram escancaradas de modo perverso durante o Ensino Remoto Emergencial.

Nas reuniões dos segmentos, muito se comentava sobre os ataques que docentes do colégio estavam sofrendo, em parte, do público externo, em outra parte, de familiares de estudantes da comunidade escolar. Acusações de que não estavam

querendo trabalhar, que estavam à toa enquanto estudantes perdiam o ano letivo. *“Vocês estão acabando com os sonhos dos meus filhos em passar no vestibular”*, disse um responsável. Algumas dessas manifestações ocorreram no grupo de WhatsApp da coordenação e reuniões entre representantes do colégio, estudantes e responsáveis. No devido tempo da caminhada foi preciso aprofundar os diálogos para trabalhar essas demandas com sensibilidade e compreensão mútua das partes.

Os ataques mais injustos e agressivos vieram de fora da escola. E até mesmo em outras regiões do nosso país, como eu via nas notícias e comentava entre meus pares. Nada de novo para quem está no palco da educação. A pressão de retorno às aulas a qualquer custo, vinda de alguns setores, evidenciou pra mim, mais uma vez, como é precária a noção de bem comum e de responsabilidade coletiva que nossa sociedade tem. É claro que eu gostaria de estar no João, é claro que eu queria estar na cidade de Juiz de Fora. Em contato direto com a escola, com as/os estudantes. Mas não nesses termos. Não sem vacina para todo mundo. Não sem um plano de segurança efetivo para toda a população. Lá em cima, falei da importância das frestas, das brechas nas rotas. Pensando agora, acredito que essa era a única rota que tinha certeza que eu não poderia abrir mão. A de me posicionar contrária à um retorno do ensino presencial. Afinal de contas, não há embarque, se não há vida. Não há escola, sem vidas. Se manter em casa e em Ensino Remoto Emergencial é uma forma de salvar e manter as nossas vidas.

Sinto a necessidade de dizer que as coordenações de ambos os segmentos trabalharam incansavelmente para dialogar com estudantes ausentes. A evasão escolar é uma realidade muito cara a nós, e a gente sabe como ela atinge principalmente estudantes negras/os, LGBTQIA+, PCDs⁹, pobres, de periferia. Na EJA essa realidade toma ainda outros contornos. Exatamente por ser um segmento que abarca estudantes que, por diferentes motivos, não seguiram o percurso escolar regular. Pessoas que muitas vezes são responsabilizadas pelo suposto fracasso, desviando assim o problema de sua fonte: o acesso desigual aos bens e oportunidades, em uma sociedade onde, historicamente, direitos são transformados em privilégios para alguns, em detrimento de muitos.

⁹LGBTQIA+: lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transsexuais, queers, intersexuais e assexuais. O sinal + engloba as demais diversidades de orientações afetivo-sexuais e identidades de gênero existentes. PCDs: pessoas com deficiência.

Vi a equipe se desdobrando. Por mais que nós, professoras-residentes não participássemos das decisões, estávamos presentes (no sentido mais profundo) em todas as discussões. Eu ficava imaginando que se estudantes, responsáveis e demais setores da sociedade tivessem uma visão mais ampla sobre todo o processo de como realizar esse modo de fazer escola num contexto tão novo e adverso, as opiniões seriam outras. Antes da nossa entrada, o corpo docente já estava realizando inúmeras reuniões para discutir e formalizar qual a melhor forma de retorno das atividades. Com a nossa chegada, participamos de várias oficinas de capacitação para inserção de materiais e interação com estudantes pelas plataformas. Vários problemas surgiam e o corpo docente se reunia para solucioná-los. Era plataforma que caía; estudante que desaparecia; reclamações da falta de atividades; reclamações do excesso atividades; reclamações sobre o foco das atividades com a exigência, por exemplo, de que houvesse maior ênfase na preparação para o PISM e o ENEM; reclamações de obrigatoriedade de presença – que era mínima.

Digamos, que foi um tempo de reclamações e exigências embasados no pouco conhecimento do que estava acontecendo de fato. Não quero, de jeito nenhum, invalidar pedidos, questionamentos, porque acredito que toda comunidade escolar tem o direito e o dever de construir a escola. Estou problematizando mais a forma como algumas interações aconteciam. Na minha visão, por exemplo, elogios pelo empenho e esforço da equipe foram mais raros. Acredito que há uma facilidade de apontar apenas as limitações e pouco as potencialidades. Ou o contrário, tipo um jogo de oito de oitenta. Por conta de tudo isso, um assunto que volta e meia apareceu na minha cabeça foi a questão da comunicação. Se antes eu já tinha uma visão que o aprendizado é um processo mútuo e contínuo, sinto que a pandemia evidenciou isso ainda mais. Só que me pareceu que nem sempre isso esteve nítido para todo mundo. Exatamente por conta da falha na comunicação: me parecia que todos falavam, mas que ninguém estava ouvindo. Me parecia que o entendimento não estava sendo construído. Depois de algumas das tantas reuniões de professores, estudantes e responsáveis, eu fui percebendo um maior conhecimento das condições e demandas de ambas as partes. A coordenação do ensino médio criou o “Fala, Família!” e o “Fala, Estudante!”, canais de comunicação síncrona para facilitar o diálogo e a comunicação das demandas. O público discente e seus respectivos familiares participaram ativamente desses canais. Fui percebendo também um maior reconhecimento do

nosso trabalho. Em alguns dos nossos momentos síncronos e até nas atividades escritas, alguns estudantes agradeciam pelas propostas que estávamos desenvolvendo. Nós também agradecíamos, pois era uma construção mútua. Não existe escola sem a contribuição de todos envolvidos na embarcação. Seja no espaço físico, seja nesse espaço virtual em que aprendemos coletivamente a navegar.

CENA III: NAVEGANDO (EU SOU UM CORPO NO MUNDO)

Atravessei o mar, um sol
Da América do Sul me guia
Trago uma mala de mão
Dentro uma oração, um adeus
Eu sou um corpo, um ser, um corpo só
Tem cor, tem corte
E a história do meu lugar, ô
Eu sou a minha própria embarcação
Sou minha própria sorte
(Um Corpo no Mundo, Luedji Luna)

A viagem só aconteceu por conta dos diálogos. E para navegar, continuo trazendo mais experiências, de vários momentos: as interações com estudantes nos momentos síncronos e em suas respostas-reflexões-indagações nos cadernos de exercícios; as reuniões formais; as conversas com meu orientador e as demais professoras com quem trabalhei; as prosas em tempos-espacos diversos, com outras pessoas e comigo mesma (os diálogos em silêncio). Tudo que narrei até agora, tem a ver com aquelas questões lá de cima, em que o ponto de partida foi refletir sobre a percepção de estudantes sobre o ensino de Sociologia. O ponto de partida se expandiu, feito rizoma.

Vou articular esse furacão de vivências e de questões com a construção, realização e as repercussões de uma sequência didática. Essa sequência foi pensada para, também, dar mais corpo a esse Trabalho de Formação Docente.

Falando em corpo, vamos começar pelo nome dado à sequência: “*Antropologia: eu sou um corpo no mundo*”. O título se materializou apenas na finalização do material, então depois conto mais sobre ele. O material¹⁰ foi pensado

¹⁰ Os materiais elaborados foram organizados na plataforma *moodle* como “momentos”. Para o ano letivo de 2021, cada momento equivaleu a um mês para as turmas, que poderia ser estendido por alguns dias a partir do planejamento de cada docente.

para o Momento 2 do 1º ano do Ensino Médio Regular do ano letivo de 2021. O Momento 2 tinha uma duração de cinco semanas, no período de sete de junho a sete de julho, mas acabou se estendendo até o dia doze de julho, dia que marcou o fim do meu ciclo como professora residente das turmas de 1º ano. Antes do começo do ano letivo, meu orientador Júlio Silva e eu construímos coletivamente o planejamento anual. Decidimos que eu ficaria mais à frente desse Momento: construção do material, condução dos momentos síncronos, elaboração e correção das atividades.

Com o tema “Cultura”, a sequência didática escolhida veio logo após o material de introdução da disciplina. O tema do material introdutório era “Sociologia, senso comum e socialização. Bom, pra quem é da área das Ciências Sociais sabe que Cultura é um tema bastante amplo e que podemos abordá-lo de diferentes perspectivas. Novamente me encontrei num embate que acredito ter a ver, também, com a questão da intermitência da nossa disciplina na tradição escolar: em qual caminho seguir? O que seria o mais importante, o mais fundamental para trabalhar com as/os estudantes? Estive construindo materiais didáticos e planos de aula desde o início da minha atuação no Colégio. Giselle Moreira, Júlio Silva, João Paulo e eu até brincávamos que seríamos capazes de montar um livro didático ao final desse E.R.E., de tanta coisa feita. Mesmo assim, não vou negar que toda vez que eu sentava para criar um novo material, a angústia da criação tomava conta de mim.

Desde 2012, nós temos livros didáticos do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD). Fora a diversidade de artigos, blogs, sites e redes sociais em que professores de Sociologia do ensino médio compartilham suas práticas e reflexões. Valci Melo (2017) mostra que desde o início do século XX há uma produção e reedições de livros destinados ao ensino de Sociologia na educação básica. Fora também todas as trocas que tive com minha turma na graduação em licenciatura e as diferentes práticas que compartilhamos, criamos e analisamos. Por isso não tem como afirmar que não possuímos um oceano vasto de produção de práticas e reflexões. A flexibilidade e o *boom* de opções disponíveis são ótimos para o processo criativo, mas também gera uma ansiedade muito grande na delimitação de qual percurso escolher - Georg Simmel (2005) que o diga!

Parando para analisar a OCN (Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio) de 2006, percebo que não há como comparar a legitimidade da nossa área com as demais disciplinas da escola, já que “a Sociologia não chegou a um

conjunto mínimo de conteúdos sobre os quais haja unanimidade, pois sequer há consenso sobre alguns tópicos ou perspectivas” (OCN, 2006, p. 115). Porém, os próprios criadores do documento argumentam que a base orienta a construção de parâmetros curriculares oficiais, dos livros didáticos e das práticas é, no mínimo, a referência sobre conceitos, temas e teorias. Eles demonstram como os três estão interligados e servem como indicação de caminhos para que professores possam construir suas próprias propostas programáticas. Discutem também a importância da pesquisa como um instrumento que deve ser orientado pelo professor e a diferença de algumas práticas de ensino e recursos didáticos (formatos de aulas e técnicas).

Esses suportes deram uma acalmada naquelas primeiras questões sobre a delimitação da minha área. Entendi que a falta de tradição escolar pode ser interpretada também como o que nos possibilita uma maior abertura. O que eu quero dizer é que nós temos parâmetros, teorias, métodos, um saber e um fazer que são específicos da epistemologia sociológica. Só que ao mesmo tempo, temos autonomia para escolher os caminhos que desejamos traçar com a nossa disciplina. Acredito que o currículo de Sociologia proposto por Gisele Moreira e Júlio Silva para o CAp. é um bom exemplo disso. Baseado em procedimentos, a intenção dos dois é fomentar diretrizes que são pensadas, criadas, analisadas e praticadas pelos profissionais da escola, em articulação com as experiências compartilhadas no dia-a-dia do espaço escolar. Para eles, escuta, fala e estabelecimento de diálogo são fundamentais:

Isto significa que a construção e a interpretação das informações, segundo os procedimentos, são mais adequados que o acúmulo de conhecimentos sem significados e aplicação na realidade vivida pelo aluno, seja sua vida pessoal, na vida em sociedade ou do grupo e ainda na pretensão de que consiga interpretar, desnaturalizar e relativizar, segundo procedimentos sociológicos¹¹.

Nesse e em outros momentos, também lembrei da dica da Rafaela Oliveira na disciplina Metodologia de Ensino de Sociologia da graduação em Ciências Sociais da UFJF, que pude acompanhar: “quando forem criar seus planos de aula, retomem suas anotações, suas memórias das disciplinas já feitas em seus percursos no curso”. Com a ansiedade, parece que abre um buraco branco em nossas cabeças, nos dando a

¹¹ Documento interno de Gisele e Júlio, disponibilizado durante a construção do nosso trabalho no CAp. João XXIII.

sensação de que não sabemos/ lembramos de nada! Acredito que isso é um reflexo comum da iniciação na carreira. Antes da Residência, eu ia até as escolas no processo de designação, com uma vontade imensa de conseguir aulas, mas ao mesmo tempo com um sentimento igualmente imenso de receio: será que vou dar conta? Eu sei mesmo dar aulas? Estou preparada o suficiente? Bom, hoje vejo que o preparo é um processo contínuo, e posso dizer que depois de todo esse intenso preparo na Residência, o sentimento se metamorfoseou: agora eu não vejo a hora de assumir as minhas turmas!

Preciso fazer um parêntese aqui para explicar a configuração do CAP. João XXIII em relação às aulas de Sociologia. É uma configuração bem rara que me surpreendeu bastante. Primeiro, porque são duas aulas por semana. Segundo, porque são dois professores que dividem as turmas entre si. Nós que somos da área sabemos muito bem a labuta que é manter a nossa disciplina na escola e, por questões estruturais e institucionais, o CAP. João XXIII conseguiu dar um tratamento mais digno para a Sociologia. Por conta disso, eu tive uma experiência muito específica. Acompanhei o meu orientador, Júlio Silva, nas três turmas de 1º ano e duas turmas do 3º ano do Ensino Médio Regular. O Júlio é também o orientador das turmas de ensino médio da EJA, então trabalhei com ele e com o professor bolsista João Paulo nesse segmento. Com a Giselle Moreira, trabalhei com as três turmas do 2º ano e uma turma do 3º ano do Ensino Médio Regular. Como Giselle também é a coordenadora do segmento, Júlio assumiu posteriormente a outra turma de 3º ano, para diminuir um pouco a sobrecarga de trabalho da amiga – que é intensa! Ainda tive mais essa oportunidade, de acompanhar e aprender com a Giselle atuando em duas frentes de trabalho diferentes no âmbito da escola. E além disso tudo, estive com a Rafaela Oliveira em suas disciplinas da licenciatura de Ciências Sociais da UFJF. Ou seja, tive um orientador e duas orientadoras durante todo o percurso. Só a escrita desse relato que ficou por condução apenas do Júlio. Que bela visão panorâmica que tive durante a viagem!

Pronto. Voltando à sequência didática: Júlio, então, me deu um sul: “tente se basear no livro *Cultura: um conceito antropológico* de Roque de Barros Laraia (1986), que para nossa área é um clássico”. Revisei o livro, consultei alguns livros didáticos, busquei anotações em cadernos e arquivos da minha graduação. Não estava com dúvidas em relação ao conteúdo em si, mas com a forma em abordá-lo. Outro

aprendizado que levo da Residência é o alimento à criatividade, pensar, criar, compartilhar, revisar, mudar de rota. Eu tive todo o suporte material e pessoal para isso. Eu poderia utilizar o que já estava pronto, com as devidas referências, não tinha problema nenhum. Mas a questão não era essa. A Residência alimenta, dá subsídios para a criação, e eu precisava desfrutar essa oportunidade.

Depois de toda a revisão e encontros de planejamento, decidi por abordar o tema a partir de conceitos centrais. Não quis trazer as suas definições prontas, mas buscando referências da minha vida e do que os próprios estudantes traziam nos momentos síncronos. No início dos encontros de Sociologia com as turmas de 1º ano do E.M. Regular, um dos primeiros assuntos manifestado pelas turmas foi sobre hábitos alimentares, em específico, a tradição chinesa de, supostamente, comer cachorros. Outros assuntos que emergiram foram o racismo e as questões de gênero e sexualidade. Esses são temas essenciais na Sociologia, e que podem ser abordados em diversos momentos do planejamento. Acompanhando o currículo procedimental proposto por Júlio Silva e Giselle Moreira, percebi que esses dois últimos assuntos seriam abordados especificamente e em maior profundidade no 2º ano. Inclusive, fiquei à frente desses momentos no planejamento com a Giselle nas turmas de 2º ano do ano letivo de 2020. Porém, me questionei: por que não trazer, mesmo que de modo introdutório, questões que emergiram dos próprios estudantes? Ou dito de outro modo, como eu não me atentaria à urgência das “questões socialmente vivas”, como discutimos nas aulas da disciplina Pesquisa e Saberes na/da Prática Docente com a profa. Sônia Miranda? Em nossos encontros nessa disciplina, me lembro de ter relatado as minhas experiências de racismo na escola, memórias que trago principalmente do ensino fundamental: apelidos como “*assolan*” (uma marca de esponja de aço) em referência ao meu cabelo crespo; risadas por conta de uma meia muito relaxada, que era a que eu tinha para uso “*olha lá, a meia dela parece um coador*”; o desejo conflituoso de querer ser a popular, mas ao mesmo tempo não querer ser vista. Para quê? Para ser alvo de piadas?

Não me recordo de a temática do racismo ter sido discutida na escola, quando eu ainda era aluna. Alisar o cabelo não era uma escolha, era uma imposição, mesmo eu não sabendo disso de maneira explícita. Até o ano de 2015 mal conhecia a textura do meu cabelo. Não lançava mão de instrumentos para compreender e decodificar esse aspecto da vida social. Um aspecto que visto de maneira superficial, parece tão

simples, tão banal, tão restrito ao âmbito privado de uma vida comum e particular. Mas quando examinado de maneira sociológica, evidencia dinâmicas sociais, políticas, econômicas e culturais. Provavelmente, se o racismo tivesse sido apresentado a mim como um fato social, como uma forma de organização social imbuída de caráter exterior, coercitivo e geral (ÉMILE DURKHEIM, 1999), minha vida teria tomado outros rumos. Muitas crises de choro, falta de vontade de ir para a escola, ausência (ou presença precária) de autoestima e de autoconfiança, seriam evitados. Eu teria entendido, desde mais nova, que ser negra é lindo! Que ter cabelos crespos, nariz largo, um tom de pele escuro, é lindo demais. Eu iria entender que eu não precisava de me esconder, ou me sentir inferior às minhas amigas, nem pela minha raça, nem pela minha condição financeira. Eu iria entender que o problema está no mundo, nas relações sociais deploráveis que são criadas pelo racismo, pelo classismo. E que a escola, tem um papel fundamental para criar outras rotas, discutindo e transformando essa realidade:

Jaci¹²: o que pra um é piada pode ser uma violência

Dandara: "Mimimi é a dor que não dói lá enquanto mata nós aqui" do jovem Fumacinha¹³

Dandara: Professores, quando uma pessoa preta, é ensinada a odiar tudo de si (cultura, beleza, arte e até outro preto) é senso comum?

Dandara: Na minha família eu vejo todo dia isso, uma vez minha prima entrou na água sanitária pra ficar branca, pq ela queria se sentir bonita

(Trecho de diálogos de estudantes do 1º ano regular em um dos momentos síncronos sobre o tema Sociologia, Senso Comum e Socialização.)

Optei por esse caminho. Trazer questões que emergiram de estudantes, dos diálogos que fomos construindo nos momentos síncronos. Posso dizer então que as/os estudantes também são coautoras/es desse material. Isso me fez lembrar de mais um aprendizado durante a Residência, agora nas trocas com colegas do

¹² Todos os trechos de diálogos de estudantes nos momentos síncronos que compõem o texto foram escritos no chat, e não falados no microfone. Eles foram transcritos literalmente. Todos os nomes são fictícios, para preservar suas identidades. Pedimos autorização para utilização dos trechos de chats, atividades e imagens, como informado no Anexo A, ao final desse trabalho.

¹³ Jovem Fumacinha ou Yhounng Smoke, é um jovem negro, poeta marginal, educador social e professor. Ex-estudante do CAP. João XXIII e atual estudante da UFJF, Yhounng é uma referência para jovens da cidade de Juiz de Fora. Para conhecer seu excelente trabalho, acesse: <https://linkfly.to/YhounngSmoke>.

GRUPEES e do LABECS: a didaticopedia. Janderson Sauma (2018) criou esse conceito ao observar as práticas de Júlio Silva durante o estágio docente. Para Janderson, havia uma capacidade de Júlio em transformar a sua própria experiência de vida e a experiência de vida de estudantes em uma experiência didática. A questão aqui é se mover na cena, olhar e escutar o que está em volta. A partir daí, uma fala, um objeto, uma expressão, uma estampa de camisa que pode parecer não ter nada a ver com o planejamento que fizemos para a aula daquele dia, pode se transformar numa ponte de conexão entre professores, estudantes e conteúdo. A didaticopedia, então, surge a partir de um contraponto: eu preciso observar alguma coisa em você ou no que você falou para criar um caminho. Se com ela eu consigo pensar tanto em criar esse caminho quanto no modo em que vou criar esse próprio caminho, então ela nos fala de uma criação conjunta. Sem o estudante e sem o docente, não há didaticopedia. Não há a criação de uma “comunidade de aprendizado”, essencial para uma educação libertária, como diria bell hooks (2013).

No E.R.E., a primeira atividade de Sociologia que o Júlio Silva pediu para as/os estudantes do 1º ano foi a escrita de suas biografias. As turmas estabeleceram ali as primeiras conexões da socialização primária, da socialização secundária, se auto identificando como pessoas em constante processo de construção e aprendizado, em sociedade. Senti-me muito tocada pelas histórias contadas, pela confiança que as/os estudantes depositaram no Júlio e em mim. Dali, dava para estabelecer várias pontes, como Janderson propõe com a didaticopedia.

Pensei: por que não fazer um material sobre cultura com aspectos também da minha própria biografia? Em vários momentos, fiquei pensando se era justo acessar lembranças e vivências tão caras para quem estava me contando, enquanto eu não compartilhava as minhas. Seria mais uma ponte a ser construída com as/os estudantes. Seria uma oportunidade de me sentir mais próxima; de buscar fazer da falta de contato por conta do isolamento, algo que para nós, poderia ter mais sentido. Se a educação é uma via de mão dupla, por que apenas pedi-los para relatar um pouco sobre suas vidas, gostos, sentimentos, anseios e não apresentar também um pouco do que me constitui enquanto pessoa, em relação com o mundo? Se com as narrativas que me apresentavam eu fazia várias pontes com as minhas próprias memórias de tempos de escola, por que não as trazer também, agora enquanto

professora? Daí então saiu o fio-condutor de toda a narrativa desse material: Eu sou um corpo no mundo.

O material, em formato de texto e podcast¹⁴, se estrutura da seguinte forma: começo com uma frase em forma de questionamento de um suposto amigo, que na verdade se trata de um pensamento do antropólogo Clifford James Geertz, citado por Roque Laraia (1986): “Nós nascemos com um equipamento para viver mil vidas, mas no final das contas, vivemos uma só”. A partir daí, utilizando a metáfora da viagem, convidei as/os estudantes para embarcarem na busca do sentido desse pensamento. Então toda vez que anuncio “Eu, Juliana”, peço para que elas/eles façam um exercício mental de pensar as questões que eu trago a partir de suas próprias vidas. Com esse método, abordei as questões que Júlio e eu selecionamos como as principais para essa primeira aproximação com o debate sobre a cultura na perspectiva antropológica: natureza x cultura; determinismo biológico e determinismo geográfico; evolucionismo; etnocentrismo; relativismo; padrões culturais reais e ideais; dinamismo cultural; estereótipo; racismo; xenofobia. Outros temas que trabalhamos foram os de saberes populares e tradicionais e saberes escolares; preconceito linguístico; organização familiar; questões de sexualidade. Demais conceitos, temas e teorias essenciais à Sociologia também foram utilizados, de forma transversal à discussão mais central, como senso comum; condição social; *fake news*; instituições sociais; papel social; responsabilidade coletiva; dentre outros.

¹⁴ Nas aulas com o meu orientador Júlio, utilizamos a ferramenta podcast como um recurso pedagógico. Na disciplina Tecnologias no Processo de Ensino-Aprendizagem, Júlio nos ensinou como criar um podcast, desde o roteiro à edição. Também trabalho com a ferramenta em um projeto de extensão do GRUPEES e do LABECS/ UFJF, em que Júlio é coordenador. O Toró Sociológico é um podcast de e para docentes de sociologia da educação básica. Em cada episódio, apresentamos um tema específico para ser trabalhado em sala de aula. Buscamos sempre desenvolver uma linguagem mais acessível e cotidiana, como uma espécie de diálogo, o que marca o formato do nosso podcast. Para conhecer o nosso trabalho, acesse: <https://bitly.com/EONL6>.

Figura 4 — Trechos do Material “Antropologia: Eu sou um corpo no mundo”

Fiquei pensando como eu, Juliana, me entendo enquanto um corpo no mundo. Quando eu era bem mais nova, me ensinaram que todo ser humano era igual. Afinal, somos todos da espécie *homo sapiens*. Bom, acreditei nisso por um bom tempo. Depois, o mundo foi me mostrando quais os sentidos e valores que foram sendo construídos em nossa história e reproduzidos na nossa sociedade em relação à cor da minha pele, à textura do meu cabelo, ao tamanho do meu nariz... características físicas mesmo, bota fé? E na faculdade, aprendi que essas mesmas características físicas foram utilizadas por muito tempo para explicar e justificar as diferenças de temperamentos, personalidades, habilidades entre os grupos humanos. Não só a questão biológica, mas as localidades geográficas de cada grupo humano pareciam também determinar a suposta natureza humana - é tipo achar que por causa do clima, pessoas que moram em regiões quentes são mais receptivas e pessoas de regiões frias são mais fechadas? Pois é, se parasse por aí... mas o grande problema é que esse tipo de raciocínio resultou na separação dos grupos humanos em inferiores e superiores.

Essas ideias, que já foram refutadas pela antropologia, continuam perpetuando no senso comum até hoje. É quando a gente acha, por exemplo, que os padrões de comportamento ou os hábitos de europeus e estadunidenses são mais civilizados e evoluídos e a gente quer repetir a forma de ser deles a todo custo. Ou quando uma pessoa negra joga água sanitária em seu próprio corpo, por não aceitar sua cor. Essa **negação de si mesma não é natural**, é uma reação ao nosso **sistema**, que transforma as nossas **diferenças**, em **desigualdades**. Lembra quando falamos em nossos encontros que nem todo o senso comum é preconceito, mas que todo preconceito é senso comum? Preconceito, discriminação, racismo, xenofobia, genocídio são maneiras de pensar, agir e justificar que vem dessa raiz.

Fonte: Elaboração própria.

Durante a narrativa eu viajei no tempo. Transporte-me para momentos da minha vida em que eu também não sabia os sentidos, significados e até a existência das realidades que descrevi. Rememorei instantes em que questionava algumas dessas coisas, outras nem tanto. E com o passar do tempo, dos anos de formação, de partilhas, em estabelecimentos formais de ensino, e também fora deles, fui aprendendo. Fui aprendendo a estranhar e posteriormente desnaturalizar esse mundo. Utilizei da imaginação sociológica (CHARLES WRIGHT MILLS, 1982) para buscar as respostas, para formar esse corpo no mundo - que só deixará de ser

constantemente formado apenas no fim de sua vida¹⁵. Charles Mills (1982) nos ensina que a imaginação sociológica permite a criação do entendimento de como as estruturas sociais influenciam nossa vida pessoal. Nesse contexto, a tarefa do cientista social seria desvendar os elementos da inquietação e da indiferença contemporâneas. Dito de outro modo, nomear os problemas sociais presentes em nossa sociedade: quais são as questões de relevância da nossa época? A partir dessa indagação, buscamos compreender o cenário histórico mais amplo e como ele afeta a nossa vida cotidiana. Ao evidenciar essa conexão, construímos uma consciência de que nossas possibilidades e/ou limitações são frutos do período em que estamos inseridos, e não mero fruto do acaso. Entendemos que a nossa biografia está imersa em uma história que condiciona nossa experiência, mas não a determina, como nos diz também Paulo Freire (1987).

Não trouxemos os conceitos prontos no material escrito e nem no podcast. Eles foram utilizados a partir de experiências do cotidiano, e nos momentos síncronos chegamos coletivamente em suas definições. Começamos cada encontro com uma conversa informal, perguntando para as/os estudantes como tem passado, trazendo acontecimentos noticiados, o que está acontecendo no mundo, desde partidas de futebol, memes a questões políticas. Em seguida, focamos nas questões abordadas no material, buscando criar conexões com os assuntos trazidos.

Como falado em algum momento acima, tivemos inicialmente o total de cinco encontros para trabalhar a unidade temática *Cultura*. Aqui, cabe dizer que o tempo no E.R.E. parece tomar outros contornos. Todos nós (corpo docente e discente) tivemos que aprender juntos como navegar nesse outro mundo. Os silêncios, tão comuns em sala de aula, enquanto momentos de pausa, reflexão, construção mútua de entendimento ou até mesmo desinteresse, nas salas do *Big Blue Button* (ou BBB, a plataforma institucional adotada para os momentos síncronos do E.M. Regular), me causavam uma grande sensação de apreensão: será que o que estou falando está fazendo sentido? Será que minha linguagem está acessível? Algumas vezes, brincava com essa situação: “*Cês devem tá tudo debaixo das cobertas aí, né. A presença hoje será contabilizada pela participação no chat!*” No que elas/eles respondiam: “*Estamos cansados, ou Hoje tá muito frio*”. Em uma das inúmeras reuniões do segmento,

¹⁵Para ouvir o podcast do Material Didático do Momento 2, acesso o Episódio Dois, da Temporada Chafariz, do Toró Sociológico, acesse: <https://spoti.fi/3jhoQt> . Para a versão escrita completa e o material complementar, acesse: <https://bit.ly/3rOiOF2>.

lembro-me de um dos professores dizer que precisamos aprender a respeitar o silêncio. Essa frase continua ressoando na minha cabeça, mas confesso que é bastante difícil conjugar o silêncio com a ausência das expressões corporais e faciais, que dizem tanto, mas que não estiveram presentes nessa jornada. Conto nos dedos, e não encho uma mão, as vezes que as/os estudantes ligaram suas câmeras e/ou microfones. Claro, temos que levar em consideração que seria inviável que todos os cerca de oitenta estudantes presentes ligassem suas câmeras. Só com a minha e do Júlio Silva ligadas, tivemos que lidar com instabilidades da plataforma. Com a Giselle Moreira, nem podíamos ligá-las, por conta da instabilidade da conexão naquele horário. Porém, com mais ou menos interações, mais ou menos silêncios, posso afirmar que sempre houve algum tipo de diálogo nesses momentos.

Não vou descrever em pormenores todas as etapas do planejamento da unidade. Vou trazer o esqueleto inicial que havia pensado e apresentar os outros contornos que foram sendo orquestrados a partir do encontro em “sala”:

Tabela 1 - Sequência Didática do Momento 2

SEQUÊNCIA DIDÁTICA DO MOMENTO 2 TEMA GERAL: CULTURA	
AULA 01 (06/06)	<ul style="list-style-type: none"> - Mobilizando saberes: conversa inicial sobre o que entendem como cultura. - Debates sobre natureza x cultura; particular x universal
AULA 02 (14/06)	<ul style="list-style-type: none"> - Relatos de navegantes: determinismo geográfico e determinismo biológico - O que é Antropologia? - Primeiras interpretações: evolucionismo, etnocentrismo, colonialismo
AULA 03 (21/06)	<ul style="list-style-type: none"> - Escola culturalista: visões da cultura a partir do relativismo
AULA 04 (28/06)	<ul style="list-style-type: none"> - Estudo de caso: apresentação do método etnográfico e de algum tema já mobilizado a partir de uma etnografia específica
AULA 05 (05/07)	<ul style="list-style-type: none"> - Fechamento: conexão dos saberes cotidianos apresentados pela turma e dos conceitos, temas e teorias trabalhados no momento 2.

Fonte: elaboração própria.

Como disse anteriormente, foram disponibilizados dois horários diferentes para os momentos síncronos, sendo planejado o mesmo conteúdo para ambos. Então, o quadro acima representa o mesmo planejamento para ambos os blocos. Considero que o material de estudo (parte escrita e podcast) foi uma espécie de sensibilização antropológica¹⁶, um pontapé inicial para aguçar a criação da imaginação sociológica das/os estudantes. E mais uma vez, as turmas co-conduziram as discussões. À essa altura, você já deve imaginar que o roteiro acima não foi seguido fielmente. Bingo!

CENA IV: EXPANDINDO A ROTA

Mas o que é dizer que há caminho ao lado? É deslocar este corpo-escola para uma dimensão de ginga à qual ele não está habituado. É provocar as disciplinas a se indisciplinar, no sentido de rever suas práticas, conceitos, certezas e entendimentos. E embrenhando-nos na mata fechada, em caminhos que não são óbvios, encontraremos dificuldades. Não há trilha demarcada. Mas quem sabe aonde chegaremos? A educação nos convida à fome desta encruzilhada, na qual as dúvidas e incertezas não se opõem às potências, mas se complementam e se misturam. Costuram-se, se enrolam.
(Julio Nlongi, 2020)

Na continuação do exercício de mobilizar os saberes que estudantes já trazem de suas vivências para as trocas nos momentos síncronos, instigamos a reflexão sobre os paradigmas natureza/cultura e particular/universal das experiências humanas a partir de diferentes indagações. Em uma outra aula, o assunto sobre questões de gênero e sexualidade veio novamente à tona. Foi exatamente no dia em que as turmas estavam mais silenciosas e fiz a brincadeira da presença. Os assuntos tratados, principalmente, foram o paradigma bom/ruim da suposta natureza humana, a intolerância religiosa ou racismo religioso (ambos apareceram por conta das notícias amplamente propagadas na época, sobre o *caso Lázaro Barbosa*) e as questões de gênero e sexualidade. Os assuntos deram pano pra manga, mas para vou focar no

¹⁶Em diálogos formativos com meu orientador, Júlio Silva, e com o professor bolsista da EJA, João Paulo, chegamos ao entendimento de que é impossível desconsiderar as limitações impostas pelo E.R.E. ao elaborarmos nossos materiais didáticos e planos de aulas. Por isso, optamos por um caminho baseado na construção de uma “sensibilização sociológica”. A ideia foi construir uma aproximação de questões centrais para a Sociologia como um pontapé inicial para incitar a busca posterior por questionamentos e aprofundamentos. Percebi a mesma disposição no trabalho com as turmas da professora Giselle Moreira.

último: o ser humano nasce com uma orientação sexual específica ou a adquire com o tempo? Essa foi a questão socialmente viva que surgiu entre as/os estudantes:

Zaki: No meu ver, a pessoa se torna hétero, homossexual, bissexual, etc.

Tim: as pessoas nascem gays ou se tornam gays?

Nia: Ksksksk ninguém escolhe ser homossexual

Amir: na mh opiniao nasce e depois se descobre, ou ja sabe desde o inicio

Raoni: se tornam ou se descobrem k

Jaci: na minha opinião elas nascem....ninguém escolheria ser homossexual e sofrer TANTO preconceito

Amir: exato

Anori: Eu acho que depende...

Jaci: pessoas nascem como são e se descobrem ao longo da vida

Elza: na minha opinião a pessoa não se torna, ela se descobre sabe?

Tim: na minha opiniao ja nasce gay, mas tem gnt q se convence msm nn sendo

Amir: acho q e algo fora do controle da pessoa, e n tem como mudar isso ate q se prove o contrario

Rudá: concordo parcialmente

Raoni: tipo, ainda sim, existe uma certa influencia sla

Jaci: que influências?

Raoni: tipo, a pessoa pode achar q é hetero, dps se indentifica como bi

Zaki: Tem pessoas que eram héteros e viraram homossexuais , ela já nasceu ou se tornou homossexual ? Pra mim ela se torna

Raoni: a influência q e digo alguma coisa ou alguma pessoa q faça a pessoa se libertar

Imani: a gente cresce numa sociedade que nos ensina que a heterossexualidade é correta, se fosse seguir esse pensamento ninguém seria lgbtq

Raoni: a pessoa se torna

Elza: sim!

Jaci: exatamente Imani!!

Elza: nao acho q se torna não

Potira: é tudo questão de se conhecer, um neném nao vai decidir se ele se sente atraído por qual gênero

Zaki: A pessoa se torna héterosexual ou homosexual na primeira vez que ela sente atração, e o sexo da pessoa que ela se apaixona é que vai definir se ela é hétero ou não, eu penso dessa forma

Zaki: Mas ela pode mudar depois também ,mas ela não nasce não

Como sabia o que iria abordar nas demais aulas, mas ainda não havia definido o modo, decidi, a partir dessa inquietação, trabalhar os conceitos antropológicos a partir de uma etnografia específica. Júlio Silva já havia me questionado sobre a ausência da explicação do método antropológico e da descrição dos conceitos no material escrito. Essa escolha foi intencional: o meu objetivo era instigar uma curiosidade nas turmas, apresentar o que é uma etnografia e demonstrar como tais conceitos são articulados na prática. Digamos que foi uma forma também de historicizar o conhecimento, o saber que estava sendo compartilhado. Muitas vezes focamos no produto final (seja ele uma teoria, um recurso, uma ferramenta) e pouco discutimos e apresentamos o processo: como a cientista chegou nessa conclusão? Por que ela perseguiu esse problema de pesquisa? Quais as intenções por detrás? Em qual contexto foi criado?

Por isso, a partir da obra *Sexo e temperamento em três sociedades primitivas* (1935) da antropóloga estadunidense Margaret Mead, aprofundamos nossas discussões. A obra em si, que é um clássico etnográfico da escola culturalista, apresenta de forma bastante detalhada, como os povos Arapesh, Mundugumor e Tchambuli, situados na região da Papua Nova Guiné, organizam seu modo de vida social a partir de suas próprias definições de papéis de gênero. Num universo de pesquisas etnográficas, optei por essa obra exatamente para mostrar como Margaret Mead, lá na década de 1930, estava questionando os padrões da sua sociedade, padrões que ainda hoje se repetem e o senso comum ainda propaga socialmente — seja por desconhecimento ou por uma desonestidade com intenções bem delimitadas. Evidenciamos para as turmas que as diferenças entre temperamentos, personalidades e habilidades humanas, nada tem a ver com aptidões supostamente biológicas e naturais, e sim com significados socialmente construídos, compartilhados e padronizados — um fato já amplamente examinado pelas ciências sociais e humanas, mas que muitas vezes não chega como um saber científico nas escolas. O motivo? Acredito que seja por romper silêncios impostos e desestabilizar relações de poder.

Um fator que me saltou aos olhos em nossos diálogos com as turmas foi a associação entre diferença e desigualdade, a partir de seus efeitos na vida concreta: *“Jaci: na minha opinião elas nascem...ninguém escolheria ser homossexual e sofrer TANTO preconceito/ Dandara: Se uma pessoa é hetero e depois se descobre bi ela*

está se conhecendo, ela sempre foi assim mas só tá se descobrindo agora, pq se fosse assim ninguém escolheria ser gay por causa do preconceito e tudo mais". Durante minha adolescência, por volta dos meus 12 anos, comecei a me perceber com uma orientação afetiva-sexual diferente das minhas amigas. Lembro como essa fase foi extremamente dolorosa. Uma garota, socializada na Igreja Católica, que desconhecia qualquer tipo de vivência e representação de relações fora da cisheteronormatividade, começava a despertar um interesse por outras garotas. Um conflito, que eu não sabia sequer nomear, nascia: de onde vem esse interesse? Por que eu não sou igual às outras meninas? Como é possível isso acontecer comigo, criada na Igreja, frequentadora assídua, tão crente aos princípios católicos que me formavam? Não sabia a procedência desses sentimentos, mas sabia que eu estava errada em tê-los. Errada pelo simples fato de ser diferente, sem nenhum conhecimento de explicação ou justificativa. Errada por não sentir interesse pelos meninos. Errada por não ser "normal". Mais um motivo para que eu me tornasse invisível. Mais um motivo para eu não fosse alvo de preconceitos, disfarçados de brincadeiras e piadas.

Lembro de uma amiga da época, que só por ter uma performance de gênero socialmente associada ao masculino, era apontada pela nossa turma como lésbica. Aquilo me provocava um verdadeiro pânico, e para não descobrirem que, no final das contas, era eu a menina lésbica, acabava reproduzindo a lesbofobia. Mais uma vez: esse tipo de vivência poderia (e pode) ter sido (e ser) evitado se nossos espaços formativos, sejam eles a família, a igreja ou a escola, fossem construídos a partir do entendimento de que o problema não se encontra nas diferenças, mas sim nas desigualdades produzidas e reproduzidas com base nessas mesmas diferenças. Pelo menos poderíamos (e podemos) minimizar tantos efeitos perversos da LGBTQIA+fobia, do racismo, do machismo e de demais sistemas de opressões que moldam nossas existências físicas, subjetivas e materiais. Ainda bem que tive diversas oportunidades para me reconstruir durante o meu trajeto com referências positivas. Conheci meninas e mulheres negras, lésbicas, que conseguiram transformar suas vivências de dor em força e ponte para a luta. Pessoas que não negam seus traumas, mas que sabem navegar entre eles para construir rotas para um horizonte mais bonito, mais igualitário, mais livre.

Como diz Luciano Bedin da Costa (2014) ao pesquisador-cartógrafo interessa o miúdo, o mato, a grama que cresce entre as outras plantas, aquilo que muitas vezes ninguém vê ou não dá tanta importância. Não quer dizer que não há rigor na pesquisa cartográfica, mas esse rigor se aproxima dos movimentos da vida (KASTRUP, 2009, apud COSTA, 2014). Acredito que isso sirva tanto para o exercício antropológico quanto para o pedagógico. E era essa uma das minhas intenções a todo o momento com as/os estudantes: estimular a observação e a reflexão sobre suas vidas e o mundo à sua volta. Recordei-me do primeiro encontro com Gisela Marques Pelizzoni, ou Gisa, na disciplina Pesquisa e Saberes na/da Prática Docente. Em sua tese de doutorado, “Os Miúdos circos: Encontros possíveis entre a cultura da infância e a cultura da escola” (2017), Gisa narra o encantamento dela e de sua filha com o mercado da cidade de Araçuaí, localizado no Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais. Gisa estava maravilhada com os cheiros, os sabores, com os produtos regionais, com a riqueza artesanal da cidade representada naquele lugar. Já sua filha, se maravilhou com uma casca de laranja inteira, em formato de espiral, com uma chave afundada num monte de areia, que ela pegou e guardou como um tesouro descoberto.

Essas cenas me remeteram a memórias de minha própria infância, quando eu admirava como minha avó, Maria do Rosário, descascava com perfeição a laranja, a fruta preferida dela. Em certo momento, Gisa se pergunta: “Para onde vai esse encantamento pelo mundo quando as crianças passam para a adolescência?” Pensando especificamente na escola, para onde vai o encantamento quando os educandos passam para o Ensino Médio? Fico com a impressão de que o encantamento vai se perdendo ao longo dos anos escolares. Primeiro, por conta de tantas violências que podemos sofrer no próprio espaço da escola, os silenciamentos e os medos reproduzidos ali. As demandas, a pressão em traçar um projeto de vida, também influenciam na forma de vivenciar a escola e atingem de formas diferentes os corpos presentes. Também me parece que no Ensino Médio cresce a visão utilitarista e pragmática da escola, como se essa visão fosse única e incompatível com outras visões. Acredito que é uma etapa em que cada vez mais nosso sistema educacional se encontra invadido pelos princípios do neoliberalismo e da percepção da educação enquanto mercadoria. Políticas educacionais implementadas que querem impor um Ensino Médio apenas como ferramenta utilitária de formação para processos seletivos e vinculado aos sistemas de avaliações em larga escala. Querem impor documentos

normativos como a atual BNCC e o Novo Ensino Médio que nada condizem com os recursos materiais e humanos presentes no chão da escola.

Veja bem: em momento nenhum desconsidero a importância da formação de estudantes para processos seletivos. Enquanto uma realidade em nossa sociedade, precisamos sim formar estudantes para ocupar esse sistema. Eu passei por ele para estar onde estou. Ainda vou passar em outras etapas da minha profissão para abrir outros ciclos. Todos têm o direito de conhecer as regras do jogo e ter uma excelente formação para construir o seu poder de escolha, para conhecer as possibilidades. Não tem como eu optar por aquilo que desconheço. E é nessa realidade, a do desconhecimento, em que muitas pessoas negras, indígenas, pobres, periféricas, LGBTQIA+, PCDs, de diferentes faixas etárias, se encontram.

É por conta do desconhecimento, da falta de recursos básicos, de sobrevivência, da luta e da exploração diária que muitas pessoas, por exemplo, passam todo santo dia na porta da UFMG, na ida para o trabalho e na volta para casa, e desconhecem o que é aquele lugar: “é uma universidade?” “Mas como faz para entrar?” “Eu achava que precisava pagar!” “Mas pode entrar e passear na UFMG mesmo não estudando ou trabalhando lá?”¹⁷. É por isso que a educação formal sempre foi um campo de disputa para o Movimento Negro e também para outros movimentos sociais, como nos ensina Nilma Lino Gomes (2019). É por isso que é tão comum este ensinamento, na minha família, entre pessoas que vivem ou viveram na pele a falta de acesso às oportunidades: “estude minha filha, estude. Pra você não passar pelas mesmas coisas que eu passei. Pra você não ser empregada doméstica, e sofrer humilhação. Pra você ter uma vida melhor do que eu tenho. Podem tirar tudo de você, menos o que você estudou”.

¹⁷Indagações em conversas informais com pessoas conhecidas.

Figura 5 — Diariamente, milhares de pessoas trabalhadoras passam na Avenida Antônio Carlos, onde situa o portão 1, da UFMG. Quem conhece a gratuidade das universidades públicas? Quem conhece as regras do jogo de ingresso, acesso e permanência?



Fonte: [https://www.otempo.com.br/polopoly fs/1.1291019.1534208420!httpImage/image.jpg](https://www.otempo.com.br/polopoly_fs/1.1291019.1534208420!httpImage/image.jpg)

Como uma pessoa que rompeu esse ciclo do desconhecimento na minha família, sei intimamente a importância da formação para processos seletivos. Júlio Silva tem um posicionamento em relação a essa discussão que me ajudou a compreender essa suposta contradição: “Eu não dou aula e exercícios de Sociologia para PISM e ENEM. Eu dou aula de Sociologia para vocês escolherem fazer o que quiserem com ela, inclusive um bom PISM e um bom ENEM”. Os conceitos, temas e teorias estão todos ali. Posso dizer que a Sociologia é um oceano. Eu, como professora, oriento como navegar pela imensidão. Mas o oceano, não pertence a mim. Eu sou apenas uma guia, que aprendeu a ensinar utilizando uma linguagem sociológica escolar do cotidiano. A partir daí, as/os estudantes podem escolher o que fazer com esse aprendizado e para onde querem seguir com a viagem. Como diz uma sabedoria popular: aprendendo a saber de onde se vem, há mais possibilidade de saber onde se quer chegar.

AS ATIVIDADES DAS TURMAS

Decidimos propor uma atividade¹⁸ para o Momento 2 para ampliar o exercício de imaginação sociológica que as turmas já estavam fazendo nos nossos diálogos síncronos. A intenção com essa proposta foi instigá-los a refletir mais sobre suas próprias vidas. Estranhar e desnaturalizar algo que poderia ser aquele matinho, aquela miudeza, algo que aparentemente é apenas pessoal, mas que na verdade guarda questões mais amplas, do contexto social.

Analisando as setenta e cinco atividades que recebemos, percebi que um dos aspectos culturais mais acionados pelas turmas foi a música. Muitos identificaram o “ouvir música” como um hábito cotidiano, quase natural, já que antes da realização da atividade não haviam parado para analisar o quanto a música estava presente em vários momentos do dia. Interessante também a associação feita pelos estudantes do ato de ouvir, de tocar algum instrumento e até mesmo cantar como um ato de cura, de cuidado com a saúde mental. Me parece que nesse contexto de pandemia a função social da arte fica cada vez mais explícita: o que seria do nosso isolamento social sem os encontros com as variadas expressões artísticas? Seja através do prestígio de algum/a artista, ou aprimorando algo que já fazemos ou até mesmo (re)descobrimos inclinações artísticas que estavam submersas na correria do dia-a-dia. Danielle De Marchi Tozatti (2020) traz esse questionamento. Ela nos convida a conhecer e incentivar a sensibilização estética dos estudantes, independentemente da área que atuamos:

Precisamos exercitar nossa criatividade! Quem sabe, na criatividade e na arte, poderemos encontrar novas ideias, novas visões de mundo que nos permitam (re)construir uma realidade melhor. O que faremos quando tudo isso passar? (TOZATTI, 2020, p. 55).

¹⁸Após a leitura do Material 2 e das reflexões construídas sobre o tema Cultura, faça a atividade a partir das orientações a seguir: 1) Observe o seu cotidiano. Selecione algum aspecto do seu cotidiano (por exemplo, um objeto, um hábito, um gosto, uma habilidade, etc.) que você tem, faz ou gosta e que nunca parou pra pensar o porquê disso. 2) Apresente o aspecto escolhido a partir de uma imagem. Você pode tirar uma foto ou desenhar, do jeito que você preferir. 3) Conte pra gente: por que você escolheu esse aspecto do seu cotidiano? Qual é a sua relação com ele? O que ele representa pra você? Você acha que ele tem relação com a sua personalidade? Como? Você acha que ele tem relação com o contexto social mais geral ou é muito pessoal? Você acha que ele demonstra quem é você no mundo? Por quê? 4) Qual era a sua visão e a sua relação com o aspecto escolhido antes e depois da leitura do material e dos nossos momentos síncronos? ATENÇÃO: Para a parte escrita dessa atividade, não há um limite de linhas. Porém, ao escrever o seu texto, você tem que se certificar de que a sua reflexão está suficiente, ou seja, nós precisamos entender o que você quis transmitir com a sua imagem e o seu texto, beleza? Qualquer dúvida, só procurar a gente!

Me surpreendeu o enfoque e a percepção dada pelos próprios estudantes, já que em nenhum momento, ao produzir os materiais e a sequência didática, eu tinha considerado utilizar a música como aspecto cultural central em nossas aulas. Ela estaria presente, mas de maneira transversal. Tanto por conta de algumas discussões feitas pelas turmas, em que elas trouxeram seus gostos e preferências musicais, quanto pelo já sabido que a música é uma ferramenta pedagógica muito potente para a Sociologia. Esse encontro gerado me fez refletir, inclusive, sobre as minhas próprias escolhas das trilhas sonoras para compor o podcast do material didático: a canção “Um corpo no mundo” que nomeia o álbum da cantora e compositora Luedji Luna e que traz referências sobre identidade, ancestralidade e negritude; e a música “*My Favorite Things*” do músico de jazz John Coltrane, que em tradução literal quer dizer “minhas coisas favoritas”. A canção de Luedji veio como uma inspiração consciente para compor o material, por conta das possíveis pontes estabelecidas com tudo o que foi sendo proposto e construído a partir do encontro com as turmas. Já sobre a música de Coltrane, só me dei conta da associação durante a finalização do meu percurso no CAp. João XXIII, em uma das inúmeras conversas-reflexões com meu orientador Júlio pós o término das aulas. Parece até ironia do destino...

A minha visão sobre a música antes da leitura do material e dos momentos síncronos era que a música significava uma liberdade de expressão, um sentimento puro ao cantar, porém ela vai muito além disso. A música é usada para vários aspectos diferentes: para alguns significa liberdade de expressão, para outras é amor, para outras é uma forma de você influenciar algo, você falar de qualquer assunto como raça, gênero, condição financeira, relacionamento, etc. (Trecho do texto da aluna Elza, do 1º ano do E.M. Regular do CAp. João XXIII. Ela tirou uma *selfie* ouvindo música para compor essa atividade. Optei por não inserir sua foto para preservar sua identidade).

Figura 6 — Trecho e imagem da atividade da aluna Aisha, do 1º ano do E.M. Regular do CAp. João XXIII).



“O aspecto que eu escolhi que faz parte do meu cotidiano foi escutar música, pois eu amo dançar e cantar e então a música virou um hábito e PRA TUDO eu coloco música, se eu tô arrumando casa eu coloco música, se eu tô fazendo algo coloco música, se eu tô no meu momento de reflexão coloco música e a música pra mim é um pedido de proteção a Deus, para lidar com as situações tão presentes em nossas vidas, é uma forma de expressar e se comunicar com o mundo de uma forma mais leve sem contar que a música é um combustível para a vida”.

Fonte: Arquivo de atividades da autora.

Na ilustração acima, Aisha nos transmite uma sensação de serenidade do seu encontro com a música. É uma relação que envolve nossos sentimentos, como Elza também expõe em seu texto, e que traz a possibilidade de navegar tanto em questões mais íntimas quanto em questões mais públicas — fora que nossos gostos musicais são construídos a partir dos diversos pertencimentos sociais que temos. Músicas também são formadoras de identidade, e as duas alunas perceberam isso. Muitas vezes, elas são interpretadas como preferências individuais que não tem conexão com um contexto mais geral ou apenas como um entretenimento. Por conta disso, podem ser naturalizadas. Se naturalizamos, não criamos perguntas, como o aluno Tim nos fala:

Figura 7 — Trecho e imagem da atividade do aluno Tim, do 1º ano do E.M. Regular do CAp. João XXIII).



Fonte: Arquivo de atividades da autora. Imagem editada para preservar a identidade do aluno.

“Eu gosto de tocar guitarra. Eu escolhi essa atividade que eu faço por causa que eu sinto que tocar música foi algo muito importante na minha vida, eu comecei a aprender a tocar em uma época que a minha avó estava muito doente e que eu sentia que tudo na minha vida estava dando errado. Mais ou menos 3 meses após eu começar a tocar de verdade guitarra minha vó faleceu, e acredito que se não fosse por esse passa tempo e as pessoas que estiveram ao meu lado eu poderia ter ficado muito triste. Para mim isso tem bastante relação sobre quem sou e um motivo para continuar vivendo. Minha visão sobre isso mudou quando eu comecei a pensar além de só tocar guitarra; por que eu prefiro tocar certas músicas? Por que eu gosto mais de um certo tipo de som ou algum músico? Tantas coisas que dá pra se perguntar dos vários porquês que acho que nem tendo infinitas aulas seria possível compreender”.

Me vejo muito nesses relatos. Inclusive, um dos meus sonhos de adolescência era ter uma banda. Na época, uma banda de rock, dessas mais propagadas nas grandes mídias. Eu me achava a “diferentona” por escutar *grunge*, *emo*, *pop rock*. Aí vem a Sociologia e, com o conteúdo da indústria cultural, me mostrou que a gente não é tão diferente assim! E depois, ainda aprendi que, na verdade, a origem do rock é negra! Por que ninguém me falou isso antes? Por que ninguém me apresentou Sister Rosetta Tharpe? Por que ninguém me falou que até a mpb, cheia de pessoas brancas veiculadas nas grandes mídias, também tem origem negra, com a cantora Alaíde Costa? E o samba, o funk, criminalizados por conta dessa mesma origem? E assim, a rota foi se expandindo... não quer dizer que preciso essencializar minha identidade e que não posso navegar em outros mares.

Não deixo de ser negra por gostar de bandas de rock de homens brancos, ou de música erudita. Muito menos deixo de ser negra por alisar o meu cabelo. Mas eu preciso saber que as possibilidades existem. Eu preciso saber quais as intenções criadas nessas rotas que me foram apresentadas sem questionamentos. Eu preciso conhecer outras rotas, que foram apropriadas ou silenciadas dentro das relações

assimétricas de poder. A partir daí, posso optar por qual rota seguir ou até mesmo criar a minha própria rota.

Falando novamente em cabelo, duas alunas trouxeram esse tema nas suas atividades. Uma delas, a Dandara, foi a mesma que nos perguntou, lá no diálogo acima, sobre o senso comum em relação ao auto ódio desenvolvido pelos traços físicos que se referem às pessoas negras: *“Professores, quando uma pessoa preta, é ensinada a odiar tudo de si (cultura, beleza, arte e até outro preto) é senso comum?”*. O cabelo também carrega questões mais gerais, apesar de muitas vezes ser associado apenas a questões estéticas e de escolhas particulares. Por isso, achei muito interessante a proposta da professora Giselle em propor, no seu planejamento, aulas específicas para discutir essa questão com as turmas do 2º ano. Na sequência didática sobre “Corpo e Sociologia”, abordamos como a sociedade produz entendimentos e relações sociais apenas a partir do cabelo: “o liso, é associado à uma pessoa que é bela, cuidadosa, higiênica, séria”; “o crespo é associado à uma pessoa feia, descuidada, anti-higiênica, relaxada”; o cacheado fica no meio termo”. Não é raro pessoas negras relatarem que foram recomendadas a alisar ou cortar seus cabelos crespos, tirar as tranças para conseguir uma vaga de emprego, ou que foram impedidas de acessar certos espaços públicos, de forma implícita ou explícita, por conta do cabelo. O uso de dreads e de turbantes, um traço cultural comum das corporeidades negras, também são malvistas socialmente. Nas escolas não é diferente. Inclusive, é um dos espaços onde, pela primeira vez, nossas diferenças são apontadas como algo negativo, indesejado, motivos de vergonha. Ainda bem que essas questões nos condicionam, mas não nos determinam, e que a transformação vai ganhando cada vez mais espaço. Anissa escreve em sua atividade:

Figura 8 — Imagem da atividade da aluna Anissa, do 1º ano do E.M. Regular do CAP. João XXIII).



Fonte: Arquivo de atividades da autora.

Figura 9 — Trecho e imagem da atividade da aluna Dandara, do 1º ano do E.M. Regular do CAP. João XXIII).



“Reparei nos meus cremes, pois nunca aceitei meu cabelo, sempre alisei, e hoje em dia, aprendi a cuidar dele, a amar ele, me traz muitas memórias, principalmente com minha mãe, quando tínhamos o dia da semana do penteado, o dia de desembaraçar, e a dor que eu sentia quando o pente não passava, me senti muito mais forte quando resolvi parar com a química, me senti leve e livre, foi uma questão interna, de autoestima muito importante pra mim! O momento 2 está incrível, amei esse material, cada pedacinho me fez refletir muito, em como eu sou quem sou hoje, me fez pensar em como reagiria em diferentes situações, se eu não tivesse condições, e nunca tivesse alisado meu cabelo, estaria feliz agora? Já teria me aceitado? E vários outros pontos de inseguranças e seguranças da pessoa que sou hoje”.

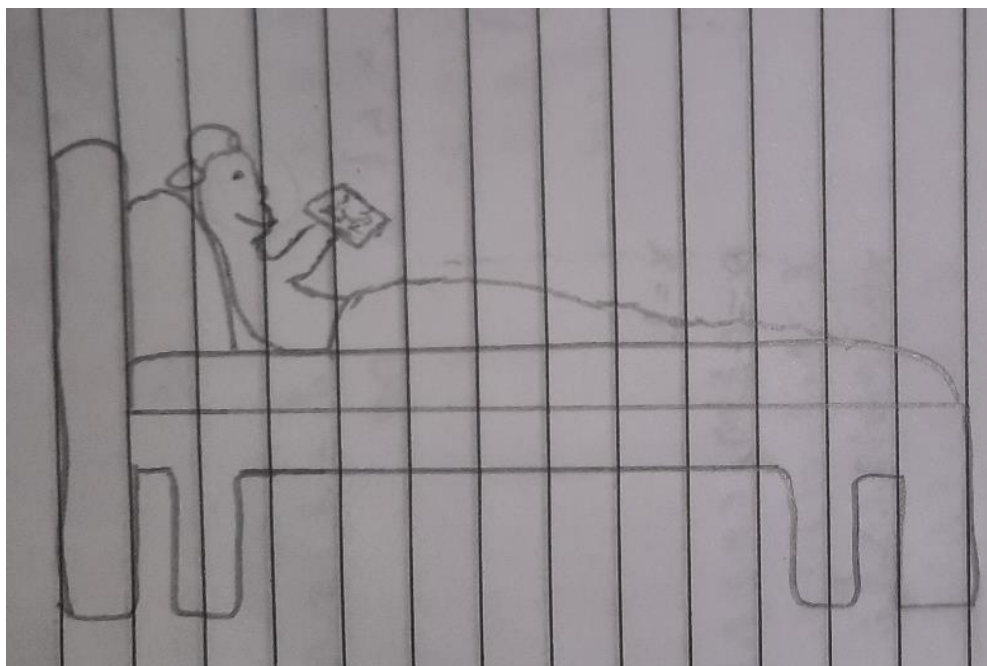
Fonte: Arquivo de atividades da autora.

“[...] Eu escolhi esse aspecto do meu cotidiano, porque meu cabelo “define” a minha autoestima, por esse motivo eu tenho um apego, e cuido dele, sempre tentando do jeito que eu gosto e me sinto bem. Eu tenho esse apego por ele pelo motivo de que algumas vezes no passado as pessoas me zoava pelo motivo dele ser cacheado, e ele sempre foi bem volumoso, mas hoje em dia eu aprendi a cuidar do meu cabelo, dos meus lindos cachos, e sobre os argumentos negativos das pessoas sobre o meu cabelo, eu nem ligo mais, pois eu sei que o meu cabelo é lindo, então eu sempre procuro não ficar triste com certas opiniões, pois todo cabelo é lindo, e todos nós somos únicos, eu sou única, como diz os outros eu sou diferente, sou uma diferente com orgulho, eu amo meus cachos, e é isso que importa! Eu nunca tinha parado pra pensar sobre o aspecto que eu escolhi [...]e com o material do momento 2 me fez parar e refletir um pouco sobre a minha vida, meu cotidiano, e com esse material eu tive o privilégio de recordar tantas coisas, e ver a pessoa que eu sou hoje, pois eu mudei muito, poder parar e lembrar como o meu cabelo me fez tornar uma pessoa mais forte e madura”.

Dandara também fala de autocuidado e da sua afirmação enquanto um corpo no mundo, através do cabelo. Os dois relatos também remexeram nas minhas próprias vivências. Lembro quando, em 2015, parei com o alisamento e deixei meu crespo florescer. Foi um caminho longo e difícil, mesmo já tendo o entendimento de que a prática do alisamento foi uma imposição, ao invés de uma escolha. Também já sabia que era mais do que estética, era uma questão política. Aprendi com várias mulheres negras que apareceram como um presente no meu caminho. Mas as mudanças não são da noite pro dia. Quebrar rotas que estão fixadas há muito tempo também

demanda tempo. Só que quando a semente já foi plantada, uma hora ela há de crescer. E cada pessoa tem o seu próprio ritmo. Cada pessoa é um oceano de processos individuais e coletivos. Quando a minha semente germinou, eu não podia mais conter esse oceano dentro de mim. Me parecia injusto não transbordar e espalhar mais sementes por aí.

Figura 10 — Trecho e imagem da atividade do aluno Lincoln, do 1º ano do E.M. Regular do CAp. João XXIII.



[...] “não posso deixar de citar o sentimento que os jogos trazem para alguém e o quão bem faz para uma pessoa que pessoalmente é antissocial mas no jogo ela consegue fazer amigos facilmente pois na maioria dos jogos existem melhores amigos que se amam sem nunca terem visto um ao outro, coisa que geralmente não acontece muito com pessoas que se veem, pois só se socializam com outras pessoas que estão dentro do “padrão” imposto pela sociedade na qual vivemos”.
Fonte: Arquivo de atividades da autora.

Os jogos eletrônicos também merecem destaque. Inclusive, a utilização de jogos no ensino de Sociologia foi uma das dicas que estudantes deram para as nossas aulas. Jogar foi associado mais como momentos de distração e de alegria. Mas alguns estudantes narraram também como um espaço para criar laços, fazer amizades e aprender coletivamente. Lincoln, por exemplo, expôs a necessidade de discutirmos a questão dos padrões sociais para a interação entre as pessoas. Ser lido como antissocial muitas vezes pode ser uma resposta às dinâmicas que produzimos em nossas relações na escola, ou em demais espaços da sociedade, e não como um

aspecto da personalidade ou da escolha intencional de cada um.

Achei bastante interessante como Dayo traz e confronta uma visão padronizada socialmente em relação ao seu interesse pelos jogos. Geralmente, a sociedade associa tal interesse apenas na perspectiva do vício, do tempo perdido que deveria ser empregado em atividades mais úteis. É claro que devemos discutir a questão do vício, dos

Figura 11 — Trecho e imagem da atividade do aluno Dayo, do 1º ano do E.M. Regular do CAp. João XXIII).



“Antigamente eu achava que isso era apenas só um joguinho para me divertir e que não daria nenhum tipo de futuro, agora nada é só um joguinho e eu posso fazer isso de profissão que eu vou amar muito”.

Fonte: Arquivo de atividades da autora.

malefícios decorrentes da exposição exagerada às telas. Mas também precisamos lançar luz nas potências que esse universo pode trazer: desenvolvimento de habilidades como a cooperação, o respeito, a atenção, a criatividade, o engajamento, a influência social e o pertencimento, a interação com pessoas de diversos pertencimentos e localidades, e por aí vai... Inclusive, foi na disciplina Tecnologias no Processo de Ensino e Aprendizagem da nossa Especialização que pude aprender e refletir mais sobre essas possibilidades. Como nos ensinou a professora Thamiris Araújo no módulo sobre gamificação, nenhum jogo em si vai ensinar Sociologia, por exemplo. Mas eu, enquanto professora, posso aprender muito a partir dos próprios interesses de estudantes. E os estudantes, com a minha mediação, podem expandir e conectar os interesses pelos jogos com a Sociologia.

Nas biografias, que foi uma das atividades pedidas no Momento 1, alguns estudantes trouxeram aprendizados extremamente importantes para a criação de uma responsabilidade social e coletiva, a partir do mundo virtual no geral, englobando aí também o universo de jogos. Ao final do nosso último encontro, retomei alguns pontos em comum nas biografias que considerei importantes de serem conversados. Entre eles, os saberes que os próprios estudantes trazem de suas vivências e que tem uma ligação direta com tópicos da Sociologia — apesar da associação com a disciplina não parecer tão explícita num primeiro encontro. Achei curioso, por exemplo, que ao perguntarmos sobre suas posições políticas, grande parte dos estudantes disseram

que não se interessavam pelo tema, que em suas famílias era um assunto que gerava discussões e conflitos e que, por isso, eles optaram por evitá-lo. Ao mesmo tempo, vários deles tiveram um posicionamento de aprendizado sobre várias questões que são muito caras à construção de uma sociedade baseada em princípios democráticos e igualitários. Fora a questão da sociabilidade, como falei acima. Muitos relataram que construíram boas amizades, mesmo que virtuais, e sobre a importância dessas relações em suas vidas, principalmente nesse contexto de isolamento social:

“Minha socialização secundária foi na internet e na escola, na escola eu encontrei pessoas boas e pessoas ruins [...] Na internet eu aprendi a ter humildade, empatia, aprendi muita coisa com o streamer Gaules, ele é uma pessoa muito boa e me ajudou muito a melhorar, mesmo que ele nem saiba disso. E na escola eu vejo que as pessoas não têm esses conceitos, com isso eu percebi que eu não preciso ser o popular, nem amigo de todo mundo, mesmo que eu não tenha nada contra ninguém” (Trecho da atividade do aluno Lee, do 1º ano do E.M. Regular do CAp. João XXIII. Momento 1: Sociologia, Senso Comum e Socialização. Ano Letivo de 2021).

“Em outros ambientes, como escola e na internet, aprendi que tem certas coisas que também são preconceitos, e que mesmo sendo “piadas” e expressões sem intenção de ofender, também doem, e cabe a nós sabermos disso pois é nossa responsabilidade não machucar as pessoas. Meus pensamentos se ampliaram quando comecei a fazer descobertas sobre mim mesma e me reconhecer como pessoa, a partir desse momento eu senti necessidade de não apenas não ser algo, mas que é preciso apoiar movimentos e lutar para que isso não aconteça” (Trecho da atividade da aluna Imani, do 1º ano do E.M. Regular do CAp. João XXIII. Momento 1: Sociologia, Senso Comum e Socialização. Ano Letivo de 2021).

“A visão que eu tenho sobre o mundo são sempre as melhores, como, (no futuro) não ter mais o racismo, a desigualdade, os padrões de beleza, e que não tenha mais a crise em que estamos... Mas, pelo lado de posicionamento político, eu não faço nem ideia do que penso sobre o assunto”. ” (Trecho da atividade da aluna Jana, do 1º ano do E.M. Regular do CAp. João XXIII. Momento 1: Sociologia, Senso Comum e Socialização. Ano Letivo de 2021).

Sobre meu posicionamento político, ainda não o tenho formado e estou sempre de cabeça aberta para ouvir e aprender. Sempre visando a democracia e a evolução conjunta do país. (Trecho da atividade do aluno Edgar, do 1º ano do E.M. Regular do CAp. João XXIII. Momento 1: Sociologia, Senso Comum e Socialização. Ano Letivo de 2021).

Em todo trabalho que realizamos, fazemos escolhas. Creio que está nítido nessa viagem que a suposta neutralidade já foi deixada para trás. Muitas pessoas ainda acreditam que é possível ser neutra em nossos saberes e fazeres. Que nossas práticas e reflexões não carregam nossas subjetividades. Espero que, até aqui, eu tenha conseguido demonstrar que não é assim que se toca o barco. Quando eu propus esse tipo de atividade, estava esperando que estudantes conseguissem perceber suas questões particulares como questões também coletivas, públicas. E também que entendessem essa relação com o tema geral sobre Cultura. Selecionei algumas imagens nas quais identifiquei essa conexão de maneira mais explícita. Mas como uma professora-pesquisadora-cartógrafa, é importante também trazer algumas das conexões feitas por estudantes que, a partir do meu olhar, não percebi uma ligação tão evidente.

O aluno Edgar escolheu como aspecto do seu cotidiano o fato de nunca conseguir dormir em viagens de família feitas com o carro. Me pareceu algo muito específico e com pouca relação com as discussões sobre Cultura que tivemos. Só que ele fez uma interpretação muito interessante dessa “mania”. Inclusive, articulou com reflexões centrais que fomos construindo ao longo desses encontros iniciais com a Sociologia:

Figura 12 — Trecho e imagem da atividade do aluno Edgar, do 1º ano do E.M. Regular do CAP. João XXIII).



“Depois da leitura do material, percebi que só possuo esse hábito porque nasci onde nasci, sou filho dos meus pais e fui educado da forma que fui educado. Com isso quero dizer que não nasci com esse aspecto, mas foi sendo construído ao longo do tempo e não seria construído dessa mesma forma se, por exemplo, eu tivesse nascido em outro país, com outras culturas e outros pais”.

Fonte: Arquivo de atividades da autora.

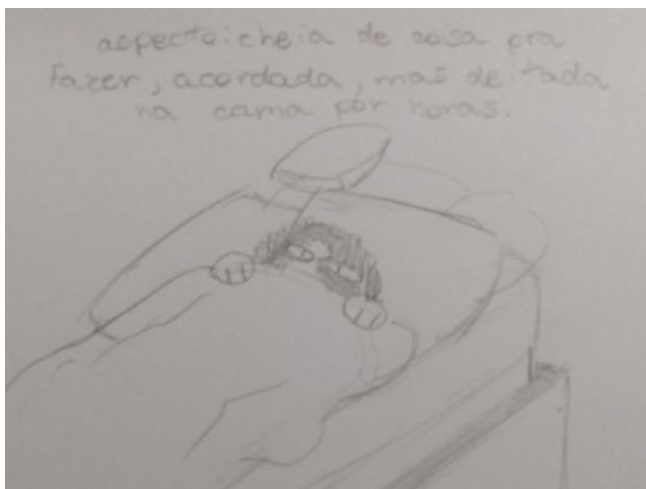
Outra questão que apareceu é o hábito de contemplar a paisagem como forma de saúde mental e reflexão. Alguns relacionaram com o contexto da pandemia, já que passaram a observar o céu ou a rua como uma forma de lidar com o stress diário. O aluno Henri relata que observar a rua se tornou um hábito que o faz evitar descontar sentimentos de stress em outras pessoas:

Eu escolhi esse aspecto porque é algo que eu faço com frequência e nunca me perguntei o porque, olhar a cidade ou a natureza me faz lembrar a vastidão do mundo e perceber que ficar estressado com coisas pequenas não vale a pena, tento lembrar que as pessoas ao meu redor são humanos igual a mim e todos eles ficam estressados exatamente igual a mim. Eu sempre achei que a falta de empatia fosse um dos maiores problemas da humanidade, então sempre quando me encontro em uma situação onde eu posso magoar eu prejudicar alguém, vem na minha mente todo esse raciocínio e me põe de volta no meu lugar. Eu tinha uma visão muito individualista sobre esse aspecto, eu o fazia só para me livrar do estresse e voltar a fazer o que tinha quer ser feito, mas percebi que essa atitude gera resultados para as pessoas ao meu redor, ao criar um ambiente mais livre de estresse todos os indivíduos que compartilham daquele espaço são beneficiados (Trecho do texto do aluno Henri, do 1º ano do E.M. Regular do CAp. João XXIII. Ele tirou uma *selfie* na janela de sua casa olhando observando a rua. Optei por não inserir sua foto para preservar sua identidade).

É um momento de parar e refletir sobre a vida, fato que muitas vezes não conseguimos fazer por conta da correria do dia-a-dia. A ansiedade tem crescido cada vez mais em nossa sociedade, e vários estudantes relataram ter que lidar com essa questão em seus exercícios. Nas reuniões do segmento, o relato sobre estudantes do Colégio que não estavam bem, com crises de ansiedade e sofrimento, foram constantes. Parei para refletir o que esses estudantes quiseram nos dizer ao trazer esses sentimentos na atividade. É como o Júlio Silva falou, parece que os estudantes estão nos convocando a dar algumas respostas: “*Eles estão mostrando a vida privada e perguntando o que a Sociologia pode fazer em relação a isso?*”. Penso que talvez uma das respostas que nosso campo de atuação poderia dar seria uma abordagem sobre o caráter social dos sofrimentos subjetivos, ou psíquicos. Desnaturalizar, por exemplo, cargas de trabalho e estudo exaustivas, que vivemos apontando seus efeitos negativos, mas que muitas vezes não conseguimos propor relações mais saudáveis.

Aí caímos na normalização desse quadro. É esse mesmo o único horizonte possível? Nossas maneiras de interação no trabalho, na escola, até mesmo na família, precisam ser tão maçantes? Claro que estamos falando de estruturas, e que tudo depende de contextos, origens e condições de cada pessoa. Mas para aqueles que possuem aberturas ou frestas para construir outros caminhos, acho que o convite que esses estudantes fazem é para observarmos mais as vistas de nossas janelas.

Figura 13 — Trecho e imagem da atividade da aluna Zora, do 1º ano do E.M. Regular do CAp. João XXIII).



“Esse hábito é muito frequente, pelo menos uma vez por dia. Eu não sei porque eu faço isso, não tem sentido: eu fico completamente ansiosa com tudo que eu tenho que fazer, eu quero fazer alguma coisa! Mas eu não consigo levantar. Eu só me sinto muito preguiçosa, e de um ponto de vista acadêmico é inútil e insano. O negócio desse hábito é que eu não devia fazer isso, mas eu sempre faço e todo mundo vai sempre vir e me ver de cama”. Na imagem, Zora escreveu: Aspecto: cheia de coisa pra fazer, acordada, mas deitando na cama por horas. Fonte: Arquivo de atividades da autora.

Figura 14 — Trecho e imagem da atividade da aluna Nala, do 1º ano do E.M. Regular do CAp. João XXIII).

“O hábito que escolhi para parar pra pensar o porquê de eu realizar ele diretamente foi sempre sentar em minha varanda a tarde, e ficar pensando em minha vida observando o céu, algo que foi virando rotina para mim ao decorrer da quarentena, algo que antes da quarentena eu não tinha costume nenhum de ficar observando, e pensando pois sempre estava fazendo algo e agora com a maioria do tempo em casa, aos poucos foi virando parte de minha rotina, e agora para mim significa muito, pois é algo que me acalma e me deixa mais tranquila, e para mim é algo que combina com a minha personalidade, pois eu sou uma pessoa muito ansiosa e sempre quero fazer várias coisas ao mesmo tempo, o que me deixa mais ansiosa ainda, e com esse hábito acaba que quando eu sento para pensar em minha vida, eu consigo organizar minhas ideias, e ficar mais calma, para mim não é algo com contexto social, pois como as pessoas estão sempre rotativando a mente ocupados, ou em eletrônicos, quase nunca paramos para pensar e observar o céu, foi algo que só foi acontecendo depois da pandemia, pois eu sempre estava com a mente focada em outras várias coisas, ao invés de parar pensar e observar o mundo ao meu redor”.

Fonte: Arquivo de atividades da autora.



Por fim, quero de dizer que a escolha de trabalhar com as imagens também se deu por diálogos e aprendizados durante, principalmente, as disciplinas Pesquisa e Saberes na/da Prática Docente e Tecnologias no Processo de Ensino e Aprendizagem da Especialização. Nelas refletimos sobre a imagem como uma dimensão visual da sociedade. No final das contas, a nossa análise final é sobre a sociedade, sendo que a imagem foi apenas uma das fontes que nos permitiu realizar tal estudo. Imagens narram um período, um tempo, uma situação, um contexto, uma memória individual e coletiva e são criadoras de realidades. Como processos cognitivos-intuitivos, elas são uma fonte de ensino e aprendizagem que podem despertar outras motivações na escola, para além da palavra escrita. O nosso tempo, principalmente em contexto de isolamento social, se mostra cada vez mais imagético. Trabalhar a produção e a compreensão estética dos estudantes, a partir desse mundo, pode ser um interessante caminho para o ensino de Sociologia. Nós precisamos nos apropriar dessa potência.

A minha ideia inicial, inclusive, era produzir esse Trabalho de Formação Docente em formato audiovisual, como um minidocumentário utilizando as imagens e reflexões que construímos coletivamente ao longo dessa caminhada. Tal produção me demandaria mais estudos sobre edição e finalização de vídeos, já que me arriscaria em uma área que não possuo experiência — apenas uma ou outra tentativa. Acabei guardando essa ideia para momento futuro, quando as circunstâncias e as minhas habilidades forem favoráveis. Como diz Charles Wright Mills (1982), um cientista social nunca abandona uma ideia de imediato. Documenta, guarda, porque em algum outro momento de sua vida enquanto pesquisador (e aqui eu acrescento enquanto professor-cartógrafo-pesquisador), tais ideias podem ser trabalhadas. De um grande projeto, podem aparecer vários subprojetos. Considero que a força que foi gerada pelo meu encontro com estudantes me levou para caminhos cheios de possibilidades, mesmo não podendo trabalhar a atividade e o relato dessa viagem da forma como idealizei inicialmente.

Após o encerramento do Momento 2, fiz um questionário com oito perguntas¹⁹ (sete abertas e uma fechada) para tentar capturar mais elementos dessa experiência inicial de estudantes com a Sociologia. Tomei como base uma pesquisa que fiz durante a graduação na disciplina “Análise Prática de Ensino Estágio Ciências Sociais II”, que neste momento se mostra de maneira evidente como um dos principais fios que compõe a minha teia docente. Naquela ocasião, havia estudado os artigos de Bruna Tupiniquim Marques (2019), Noa Cykman et al (2018) e Sayonara Leal e Tauvana Yung (2015). Essas autoras propuseram alguns caminhos para compreender a relação e as representações que estudantes do ensino médio possuem com a nossa disciplina. Considerando as diferenças de procedimentos, contextos e análises de pesquisa, posso dizer cheguei a uma constatação que se aproxima da delas: o principal definidor do interesse e/ou do entendimento de estudantes pela disciplina é perceber a aplicabilidade da teoria na prática. A Sociologia no Ensino Médio possui uma função pragmática de exercício reflexivo, interpretativo e também propositivo de resolução de problemas sociais. Interessante que essa indicação também apareceu tanto na pesquisa durante o estágio, que foi realizada com estudantes das três séries do Ensino Médio, quanto com as turmas de 1º ano do CAp. João XXIII.

Para além de responder que a Sociologia é “uma disciplina que estuda a sociedade”, muitas/os estudantes apontaram a questão da vida cotidiana, da importância de construir uma interpretação das motivações, dos comportamentos e das ações enraizadas no dia a dia. O “saber viver em sociedade” também apareceu com bastante frequência, o que pode ser levado para o entendimento da disciplina a partir de questões éticas e morais. Muitos trouxeram a questão de como a Sociologia interpreta causas e efeitos. Se descortinamos as origens ou intenções das engrenagens do sistema, logo, temos a possibilidade de buscar soluções para os problemas sociais. Isso me fez pensar em propostas de atividades que trabalham com

¹⁹1) O que é a Sociologia para você? (Escreva o que você acha e com suas palavras! Não se preocupe com certo ou errado!); 2) Se você tivesse que explicar para um amigo ou um parente o que é Sociologia, como você explicaria?; 3) Você acha que a Sociologia é importante no seu cotidiano? Justifique sua resposta. (Pense em suas relações na escola, no emprego, com seus amigos, família, nas redes sociais e os temas que discutimos até aqui); 4) A Sociologia te ajudou a resolver ou compreender alguma situação da sua vida? Se a resposta for SIM, poderia dizer qual foi a situação e como a Sociologia te ajudou?; 5) Você acha que o conteúdo do material do momento 2 tem a ver com a sua vida? Como?; 6) O que o momento 2 (material, atividade e aulas) despertou em você? Qual ou quais partes foram mais interessantes?; 7) Você achou a linguagem utilizada pela professora para explicar a matéria acessível ou complicada?; 8) Quais sugestões você daria para deixar as aulas de Sociologia mais interessantes?

situações – problemas. Aqui podemos vincular com a questão dos jogos, que esteve presente tanto no aspecto cultural escolhido pelas/os estudantes (e que relatei acima), como em uma sugestão que um deles fez para dinamizar as aulas.

Uma ocorrência em comum entre as respostas foi a associação da Sociologia com polêmicas e tabus e o pedido para que houvesse mais debates e discussões sobre tais assuntos. Os estudantes que fizeram essas sugestões não escreveram o que entendiam enquanto “polêmica” e “tabu”, mas suponho que sejam assuntos que provocam debates; temas que geram desconforto e discordância porque mexem diretamente com o senso comum. Essa relação me remeteu novamente às minhas aulas na graduação: em um momento específico, uma professora sugeriu uma aula com indicações de como tratar assuntos “polêmicos” em sala de aula. Os assuntos eram aqueles que envolviam questões, principalmente, de raça, gênero e sexualidade. Já estávamos entrando no contexto dessa avalanche direitista que nos afeta até hoje: estudantes sendo incentivados a gravar seus professores, o que provocava uma sensação de medo em se posicionar em sala de aula; o movimento “escola sem partido” e as acusações sobre a suposta “ideologia de gênero” crescendo no campo político e educacional; o primeiro ano de governo de Jair Bolsonaro, com medidas políticas e ataques explícitos à educação. Apesar disso, lembro que fiquei muito incomodada com essa nomeação. Por que a palavra “polêmica” para adjetivar questões de raça, gênero e sexualidade? Ao final dessa aula, fiquei questionando se a minha própria existência é por si só polêmica. Não seria a forma como o mundo aciona essas questões que é polêmica? Fiquei imaginando como estudantes marcados com identidades sociais como as minhas, ou com outras identidades englobadas na categoria de minorias sociais, constroem suas subjetividades e relações com o mundo a partir do entendimento de que sua experiência de vida é taxada socialmente como polêmica. Só é polêmico porque gera desconforto, desestabiliza os preconceitos presentes no senso comum. Se for assim, imagino que quanto mais polêmica a Sociologia é, melhor. Porque ela dá ferramentas para entendermos porque a sociedade nos ensina a pensar e agir dessa forma. Porque ela mostra que polêmico deveria ser o racismo em si, e não as pessoas que vivem ele na pele ou que discutem sobre ele em suas aulas. O polêmico é você se construir a partir de um espelho em que o reflexo não é o seu próprio, mas sim daquele que é criado enquanto o padrão, o horizonte, o ideal hegemônico a ser seguido. O polêmico e burro,

como nos diz Conceição Evaristo²⁰, é não compreender o quanto nós perdemos como humanidade quando desvalorizamos a riqueza de nossa pluralidade:

Eu achei esse material muito divertido e interessante, eu gosto muito de ler sobre causas sociais e culturas diferentes, no momento 2 eu já conhecia pelo menos um pouco de todos os assuntos citados, mas descobri muitas curiosidades legais de outras culturas, como a questão da família para os indígenas Jê, eu achei muito interessante pois até hoje a família que não é tradicional [é] vista com maus olhos e só de saber que alguns lugares os costumes são diferentes já me deixa satisfeita, outra coisa mencionada foi a homossexualidade no povo dagara, que essas pessoas são vistas como guardiãs da aldeia, isso me deixou muito feliz pois por fazer parte da comunidade LGBT+ morro de medo de me assumir por conta do preconceito, outra parte bem legal foi quando a Ju falou sobre saberes populares e da vó dela que tinha conhecimento de plantas, isso destravou uma memória muito querida com a minha vó (inclusive meu texto do momento 2 foi sobre isso), enfim, eu gostei muito das aulas, não participo muito no chat porque tenho vergonha, porém eu achei as pautas discutidas muito relevantes e que abriram margem para muita reflexão de pessoas que não se importavam com isso (Resposta da questão seis da pesquisa sobre o Momento 2, da aluna Malala, do 1º ano do E.M. Regular do CAp. João XXIII do ano letivo de 2021).

Esse encontro gerado entre a aluna Malala e a disciplina conflui com o mesmo sentimento que Aya, aluna do 2º ano da EJA, me relatou em um dos poucos momentos síncronos que tivemos. Em um diálogo de câmera e microfone ligados (quase um milagre nesse contexto!) Aya falou que ficou contente pelo material que preparamos explicando as desigualdades de sexualidade e a sigla LGBTQIA+. Por mais que ela viesse de uma outra escola em que estudantes respeitavam uns aos outros em relação às orientações sexuais, a temática não era abordada enquanto um conteúdo em sala de aula. Nessa conversa ela também me disse que não conseguia responder as questões de Sociologia sem acionar aspectos da sua própria vida. Por conta disso, ela fazia os exercícios com medo de estar errada, por sempre estabelecer uma conexão entre os conteúdos e sua vida pessoal. Tentei deixar o mais claro possível para ela que era exatamente nesse ponto que gostaríamos de chegar com nossas propostas, e que sempre ficava muito feliz ao ler as reflexões que ela trazia. É claro que essa foi uma impressão inicial, a partir da experiência de três meses de aula. Precisamos levar tal fato em consideração e também o contexto de E.R.E., em que

²⁰ “A elite intelectual brasileira é burra” - Conceição Evaristo no Brasil de Fato Entrevista. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JUY77Yn5hMw>. Acesso em: 10 ago. 2021.

tivemos que criar uma outra dinâmica para condução dos momentos síncronos. Mas mesmo assim, considero que essas impressões já demarcam uma leitura muito interessante da Sociologia. Se nessas condições as/os estudantes tiveram um encontro tão produtivo com a disciplina, imagino quantas potências poderiam emergir durante toda a viagem sociológica, sem os sobressaltos, senão os da própria viagem.

CENA V: A VIAGEM (OU A VIDA) É COMEÇO, MEIO E COMEÇO

Figura 15 — Sankofa



Fonte: <https://br.pinterest.com/maumovel/sankofa/>

Chegamos em um dos vários pontos de desembarque que podemos ter nessa viagem. Depois de todas essas vivências e reflexões, percebi que havia uma questão que pode englobar todas as outras, e que me capturou durante um encontro com o meu orientador Júlio: à que veio a Sociologia? Isso tem a ver com o papel, ou o propósito, da nossa disciplina, não para definir uma rota fixa e única, mas evidencia a possibilidade de expansão dos

horizontes que temos em mãos. Uma viajante que se aventura pela primeira vez em um lugar que ninguém conhece precisa, ela mesma, desbravar esse lugar e criar um mapa para si e para outros que virão. Como falei várias vezes, a Sociologia já possui esse mapa, mas a diferença é que ele pode ser expandido, os pontos de chegada e de partida podem ser vários. Tudo depende de onde e para onde se olha. Para nós, que estamos na América do Sul, o sul deveria ser o ponto de referência. O que temos em nosso próprio território e que não somos capazes de enxergar porque temos como referência apenas o norte? Podemos fazer uma outra inversão com a nossa região. O que podemos aprender com o norte e nordeste do nosso país? Ou com as periferias e interiores também do nosso estado, da nossa cidade? De certo modo, sinto que essas reflexões vão de encontro com os ensinamentos de Paulo Freire (1981) sobre

uma opção de prática e de pesquisa libertadoras. Pesquisar e educar é um processo permanente e dinâmico, e sempre há algo para aprender. E, nesse processo, é necessário se fazer a pergunta constante sobre a quem servimos com a nossa ciência, com as nossas aulas. As nossas subjetividades estão ali, no desenho, na realização, na interpretação de nossas práticas. E uma das coisas mais belas que vejo em nosso trabalho, é a possibilidade de conhecimento de si em relação com o mundo. De uma forma respeitosa em que todos sintam vontade de se expressar e conjugar os saberes que trazem de suas vivências com os saberes que estamos coproduzindo nas aulas. Num processo em que eu educo e também vou me educando com as/os estudantes.

De alguma forma, era isso eu que gostaria que tivesse acontecido no meu tempo de escola. A escola é um dos primeiros lugares que expõe as nossas diferenças. Mas essa exposição geralmente vem a partir da dor, com as zoeiras e brincadeiras que machucam e a exclusão de estudantes “diferentes”. Essa exclusão nem sempre é explícita. Às vezes um estudante até se expressa, socializa com os demais, porque é o momento de se entender no mundo — e de se entender com o mundo. É o momento de perceber de qual grupo se faz parte, de criar a sua identidade coletiva de pertencimento. Só que muitas vezes, não nos damos conta das demais experiências que atravessam a sala de aula, a escola. Não percebemos os dilemas que ocorrem nas interações porque estamos demasiadamente preocupados com o cumprimento dos conteúdos de maneira fixa.

A escola não é uma instituição isolada do resto da sociedade. Ela está permeada de várias vidas privadas que quando se cruzam se tornam públicas, se tornam sociais, como diz meu orientador Júlio. Naquela aula em que o assunto sobre sexualidade emergiu, o aluno Tim disse no chat: *“nem ligo pra esse negócio de sexualidade, o furico não é meu mesmo”*. Tim mostrou a questão privada sobre sexualidade. Ele mirou no que viu e acertou no que não viu. Ou viu? De fato, a forma como cada pessoa constrói a sua vivência com o seu próprio corpo só cabe a ela. Mas cabe ao coletivo questionar quais são os papéis sociais, as limitações e as possibilidades de existência que nos são permitidas ou negadas por conta das nossas formas de ser. A dificuldade de entendimento da relação entre o que é público e que é privado alimenta o furor das forças antidemocráticas, das fake news (como aconteceu no lamentável caso do suposto kit gay e em toda a forma truculenta de atuação do movimento “escola sem partido”). Se eu sou alvo de exclusão, de violência física e simbólica, de discriminação

pelo o que eu faço com o meu corpo, então é uma questão pública. E aí, a escola entra. Aí a Sociologia entra. Charles Wright Mills (2014) nos fala que a imaginação sociológica nos dá a possibilidade de fazer diferença na vida humana se compreendermos que muitas “dificuldades pessoais não podem ser resolvidas meramente como dificuldades, devendo ser compreendidas como questões públicas – e em termos dos problemas da feitura da história” (MILLS, 2014, p. 113). Durante essa viagem, percebi que acessar a minha própria biografia tanto para as minhas práticas enquanto professora quanto para refletir sobre elas, foi uma forma de evidenciar para mim mesma qual Sociologia eu almejo. Nós, docentes, temos uma visão particular em relação à nossa profissão, pois passamos grande parte da nossa vida na escola, antes mesmo de sabermos qual profissão iremos seguir. Maurice Tardif e Danielle Raymond (2000) nos convida a refletir sobre esses saberes pré-profissionais que são formadores da carreira docente: nossos lugares de origem social; nossas histórias de vida, crenças, percepções, valores; como nos foi apresentada a escola e como vivenciamos nosso tempo de escola. Tudo isso é relacionado com a nossa formação técnica. Volto na ideia de cena, onde nomeei os percursos desse trabalho: acredito que, como docentes, não existe a possibilidade sairmos da cena. A questão é: como nos colocamos nela. Como vamos compor com as questões que surgem? As minhas aulas são movidas à quê?

É por isso que abri a última cena desse trabalho com a imagem de Sankofa. Sankofa (Sanko = voltar; fa = buscar, trazer) é um conceito que tem origem no provérbio “*se wo were fi na wosan kofa a yenki*”: não é tabu voltar atrás e buscar o que esqueceu. Esse provérbio é dos povos de língua Akan da África Ocidental, dos países Gana, Togo e Costa do Marfim. Sankofa faz parte do conjunto de símbolos Adinkra e pode ser representado como um pássaro que voa para frente, mas com a cabeça voltada para trás, com um ovo em seu bico simbolizando o futuro: “Sankofa ensinaria a possibilidade de voltar atrás, às nossas raízes, para poder realizar nosso potencial para avançar”²¹. Eu já conhecia essa filosofia, mas ela só me apareceu como fonte para a minha escrita a partir da força do encontro que tive com Guiomar Teixeira. Em sua monografia “Sankofa em Escrivência: um caminho possível para pensar o racismo na formação docente”, Guiomar (2021) lança luz em sua história formativa para a construção de uma educação que ela acredita, uma educação antirracista e

²¹ Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/sankofa/about>. Acesso em: 10 de agosto de 21.

emancipatória. Ela narra os atravessamentos gerados por diferentes espaços e pessoas para a composição de quem ela é no mundo, enquanto pessoa-pedagoga-professora. Nos mostra muitas dores, mas também muitas potências. E para nós, pessoas negras, o exercício que Guiomar propõe vai além: é um convite de (re)conexão com a nossa ancestralidade, com a nossa auto definição, com as nossas bases filosóficas e epistemológicas que muitas vezes nos foram negadas. Nêgo Bispo (2020) ensina que a vida é “começo, meio e começo” ao pensar nos ciclos da vida: geração de vó, mãe e neta e da semente que vira árvore que dá semente outra vez. Gosto desse pensamento, que nos remete à noção cíclica da vida, em todos os seus aspectos. É o movimento, novamente, a base de nossas ações e reflexões.

Como um Trabalho de Formação Docente, a intenção central aqui foi refletir a minha prática como professora de Sociologia. Mas essa viagem me fez ir além: a minha individualidade foi colocada diante dessas outras que estão no mesmo lugar onde eu já estive. Eu voltei no tempo para resolver feridas que apareceram na escola. Feridas individuais que se tornaram públicas. Essa volta não foi explicitamente intencional, mas veio no processo da minha caminhada. Retomando a ideia de rizoma, de Gilles Deleuze e Félix Guattari e as reflexões com meu orientador, essa viagem me possibilitou lançar seiva nos rizomas das minhas próprias experiências. Gosto bastante quando Audre Lorde (2020) fala que é preciso transformar os nossos silêncios em linguagem e em ação. Os nossos silêncios não nos protegem, “não adianta ficarmos caladas, em nosso canto, nosso medo não será menor. A máquina vai tentar nos reduzir em pó, quer a gente fale ou não” (LORDE, 2020, p. 54). Antes, por sobrevivência, eu me calava. Agora, por sobrevivência, eu falo. E para firmar a fala, é necessário mergulhar em si e no mundo. Eu tenho um sonho recorrente com o mar. Eu não sei nadar, e por isso, morro de medo de água. Nesse sonho, eu tenho consciência disso. Se eu não sei nadar, então sou mais propensa a afogar. Mesmo assim, o mar me chama e eu entro. Vou com medo, mas vou. No final, dá tudo certo e eu saio com uma sensação imensa de felicidade. Analiso esse sonho como um mergulho em meu próprio eu. Um mergulho nas minhas vivências, nas minhas ideias, nos meus sonhos. O medo tem a ver com o se conhecer, se expor e se arriscar. Nem sempre é fácil. Mas para a educação que eu acredito, isso faz sentido.

Quando perguntei para os estudantes o que poderia deixar as aulas de Sociologia mais interessantes, na pesquisa do Momento 2, o aluno Dayo respondeu: “*Uma aula*

que trouxesse algumas pessoas que falem como a sociologia ajudou na sua vida”. Além de achar superpotente sua sugestão, fiquei pensando como a Sociologia cumpriu exatamente esse papel na minha vida. Posso dizer que a Sociologia e a Residência Docente me possibilitaram adentrar mares e transformar silêncios e feridas da minha própria biografia. Saio dessa experiência para viver outras com a certeza de que a Residência não forma apenas docentes, forma seres humanos. Assim como a Sociologia, que para mim, é uma disciplina que educa para a vida.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fabiana Rodrigues de. **HISTÓRIA E MEMÓRIA NOS LIMITES DO (IN) VISÍVEL**: reflexões sobre o saber histórico escolar nos livros didáticos de história. 2012. 242 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012.

ALVAREZ, JOHNNY; PASSOS, Eduardo. Pista 7: Cartografar é habitar um território existencial. In: ESCÓSSIA, Liliana da; KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo (org.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. - Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 131 -149.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista brasileira de educação, p. 20-28, 2002.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Ensino Médio. Brasília: MEC. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 10 de agosto de 21.

CALLIAN, Giovana Rabite; MAGALHÃES, Tânia Guedes. Dimensões da formação docente no programa de formação continuada “Residência Docente” da UFJF: uma leitura inicial. In: MAGALHÃES, Tânia Guedes; FERREIRA, Caroline Souza. **Oralidade, formação docente e ensino de Língua Portuguesa**. Araraquara: Letraria, 2019. p. 141-188.

CASTRO, Celso. **Textos básicos de sociologia: de Karl Marx a Zygmunt Bauman**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2014.

CIÊNCIAS HUMANAS E SUAS TECNOLOGIAS / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. 133 p.

(Orientações curriculares para o ensino médio; volume 3).

COSTA, Luciano Bedin da. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. **Revista digital do LAV. Santa Maria, UFSM. Vol. 7, n. 2 (maio. /ago. 2014), p. 65-76, 2014.**

CYKMAN, Noa et al. Sociologia no Ensino Médio: uma análise desde a percepção de alunos e alunas de escola pública. *Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais*, v. 2, n. 1, p. 73-91, 2018.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Introdução: rizoma. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, v. 1, p. 11-37, 1995.

DE BARROS LARAIA, Roque. **Cultura: um conceito antropológico**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 1986.

DURKHEIM, Emile. As regras do método sociológico. Tradução de Paulo Neves. **São Paulo: Martins Fontes**, 1999.

FREIRE, Paulo. Criando métodos de pesquisa alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação. **Pesquisa participante**, v. 8, p. 34-41, 1981.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

hooks, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. **São Paulo: WMF Martins Fontes**, 2013.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Editora Vozes Limitada, 2019.

LEAL, Sayonara; YUNG, Tauvana. Por uma sociologia do ensino de sociologia nas escolas: da finalidade atribuída à disciplina à experiência social do alunato. *Estudos de caso no Distrito Federal. Sociedade e Estado*, v. 30, n. 3, p. 773-796, 2015.

LORDE, Audre. **Irmã outsider: ensaios e conferências**. Autêntica Editora, 2020.

LUNA, LUEDJI. Um corpo no mundo. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V-G7LC6QzTA>. Acesso em: 17 de maio de 2021.

MARQUES, Tupiniquim Bruna. **Perspectiva: O olhar dos Estudantes sobre a**

Sociologia no Ensino Médio. Em: Revista Três Pontos: Revista do Centro Acadêmico de Ciências Sociais. Ano 14, n. 2 (julho/dezembro de 2017) – Dossiê “Ensino de Sociologia: docência e experiências na educação básica” - Belo Horizonte, 2019.

MELO, Valci. Os livros didáticos de Sociologia e os sentidos do ensino de Ciências Sociais na Educação Básica. **Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais**, v. 1, n. 1, p. 109-130, 2017.

NÊGO BISPO QUESTIONA, EM CARTAAO FÓRUM SOCIAL MUNDIAL, VALORES DA CIVILIZAÇÃO. **DIÁLOGOS DO SUL**, São Paulo, 27, jan. 2021. Disponível em: <<https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/brasil/68298/nego-bispo-questiona-em-carta-ao-forum-social-mundial-valores-da-civilizacao>>. Acesso em: 10 de agosto de 2021.

NÓVOA, António. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. Cad. Pesqui. [online]. 2017, vol.47, n.166, pp.1106-1133. ISSN 0100-1574. <http://dx.doi.org/10.1590/198053144843>.

PELIZZONI, Gisela Marques. **Os Miúdos circos**: encontros possíveis entre a cultura da infância e a cultura da escola. 2017. 206 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.

SAUMA, Janderson Alves; SILVA, Júlio César de Paula e. Os Anthropological Blues dos Materiais Didáticos: Debates sobre Didaticopedia. **Poster apresentado no 6º ENSOC - Encontro Estadual de Ensino de Sociologia, Rio de Janeiro, 2018.**

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito. **Mana**, v. 11, n. 2, p. 577-591, 2005.

NLONGI, Júlio (Júlio César Aurélio de Souza). Corpos em costura numa Sociologia-Arteira: Passos Antirracistas em poéticas afrodiaspóricas. **Revista Três Pontos**, v. 17, n. 2, p. 14-21, 2020.

TARDIF, Maurice; RAYMOND, Danielle. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. **Educação & sociedade**, v. 21, p. 209-244, 2000.

TEIXEIRA, Guiomar Francisca. **SANKOFA EM ESCREVIVÊNCIA**: um caminho possível para pensar o racismo na formação docente. 2021. 81 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal de São João Del-Rei, São João Del-Rei,

2021.

TOZATTI, Danielle De Marchi. Em tempos de pandemia, o que seria do mundo sem a arte?. In: OLIVEIRA, Sandra Regina Ferreira de (org.). **Escolas em quarentena: o vírus que nos levou para casa**. 1. ed. Londrina, PR :Editora Madrepérola, 2020. p. 45-56.

WRIGHT MILLS, Charles. A imaginação sociológica. Tradução: De W. Dutra. **Rio de Janeiro: Zahar Editores**, 1982.

ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____,
responsável da/ do estudante _____
do Colégio de Aplicação João XXIII da Universidade Federal de Juiz de Fora, declaro estar ciente da utilização de imagem e veiculação de texto das atividades e chats durante as aulas remotas de Sociologia da/do estudante no Trabalho de Formação Docente (TFD) intitulado **POR UMA LINGUAGEM SOCIOLÓGICA ESCOLAR DO COTIDIANO: REFLEXÕES TEÓRICO-PRÁTICAS-AFETIVAS DE UMA PROFESSORA EM INÍCIO DE CARREIRA** da professora residente de sociologia Juliana Gonçalves Tolentino, sob orientação do professor Júlio César de Paula e Silva. Declaro também estar ciente que a professora utilizou nome fictício e/ou edição de imagem para preservar a identidade da/do estudante, não acarretando em nenhum dano e/ou custo para nenhuma das partes envolvidas. Declaro estar ciente da utilização dos itens acima referidos apenas para fins educacionais de escrita e divulgação deste Trabalho de Formação Docente (TFD) e que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas. Por ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito, por tempo indeterminado, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Juiz de Fora/ Belo Horizonte, ____ de _____ de 2021.

Assinatura da/ do responsável

Assinatura da/ do estudante

Assinatura da pesquisadora

Assinatura do orientador